

**UNIVERSIDADE TIRADENTES – UNIT
PRÓ REITORIA ADJUNTA DE GRADUAÇÃO PRESENCIAL
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

ADEILTON SANTANA NOGUEIRA

**AS ORIGENS DA ACADEMIA SERGIPANA DE CONTADORES DE HISTÓRIAS:
UM DOCUMENTÁRIO RADIOFÔNICO**

Aracaju-SE

2018

ADEILTON SANTANA NOGUEIRA

AS ORIGENS DA ACADEMIA SERGIPANA DE CONTADORES DE HISTÓRIAS:
UM DOCUMENTÁRIO RADIOFÔNICO

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado à Universidade Tiradentes como um dos pré-requisitos para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo.

Orientadora Profa. Ma. Juliana Correia Almeida
e Silva

Aracaju-SE
2018

ADEILTON SANTANA NOGUEIRA

AS ORIGENS DA ACADEMIA SERGIPANA DE CONTADORES DE HISTÓRIAS:
UM DOCUMENTÁRIO RADIOFÔNICO

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado à Universidade Tiradentes como um dos pré-requisitos para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo.

Aprovado em 04 de dezembro de 2018

Banca Examinadora:

Profa. Ma. Juliana Correia Almeida e Silva

Profa. Ma. Talita de Azevedo Deda

Profa. Ma. Vanessa Ponte de Freitas

DEDICATÓRIA

A Maria Aldeiza Santana Nogueira, minha mãe e
A Francisco de Carvalho Nogueira, meu pai (*in memoriam*)

AGRADECIMENTOS

À Santíssima Trindade, por jamais me deixar sem a certeza de sua presença em minha vida.

Aos meus irmãos Francisco de Carvalho Nogueira Júnior e Adeilson Santana Nogueira, pelo carinho e testemunho tão presentes, assim como às suas famílias que também são minhas.

Ao meu melhor amigo, Sérgio Santos de Souza, com quem tenho dividido todas as horas laboriosas teste intento e me acompanhou na cobertura fotográfica das entrevistas.

À Prof^a. Valéria Boninni, por me acolher de volta aos estudos, em 2014, e me estimular a concluir esta graduação, iniciada pela primeira vez, em 1991, assim como me ensinou a amar a fotografia.

Ao Prof. José Gomes da Silva, por iniciar a orientação deste projeto.

À profa. Juliana Almeida, orientadora deste Trabalho, pelo apoio e parceria, sem a qual não teria me qualificado no rádio, nem redescoberto esta antiga paixão.

Aos membros da Academia Sergipana de Contadores de Histórias que cederam suas entrevistas e contribuíram com a fundamentação e toda a elaboração deste texto e documentário.

Aos funcionários e docentes do Cursos de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, da UNIT, Campos Farolândia, sobretudo Alysson Lima, pelo apoio, pelas aulas técnicas, pela amizade e pelo brilho profissional que deu ao documentário radiofônico.

Aos confrades da Academia Tobiense de Letras e Artes – ATLAS.

À rádio Ilha AM, de Tobias Barreto-SE, onde iniciei no rádio com a criação e apresentação do programa Comunidade Viva (1997); à rádio Clube de Itapicuru-BA, onde posteriormente passamos a apresentar o Comunidade Viva, até os dias atuais; à rádio Cultura, de Aracaju-SE, onde fundei e apresentei o quadro Desperta Vocações, à rádio Pioneira de Teresina-PI, onde trabalhei na pastoral de comunicação da Arquidiocese (1999); à Rádio Ilha FM, de Estância-SE, onde apresentei o programa Comunicar e Construir (2002-2009) e à Mar Azul FM, também de Estância-SE, onde criei e apresentei o programa Luz da Fé (2013 – 2014), veiculado até os dias atuais. Agradeço, sobretudo, pelas experiências ímpares que fizeram me definir pelo rádio.

Ao Centro de Estudos da Fundação São Lucas, onde trabalho na coordenação pedagógica.

Ao Colégio São Salvador, de Umbaúba-SE, onde leciono Filosofia no ensino médio.

Ao Colégio Negreiros, da Barra os Coqueiros, onde leciono Filosofia no ensino fundamental.

No princípio era a Palavra
E a Palavra estava em Deus
E a Palavra era Deus (Jo 1,1)

Ἐν ἀρχῇ ἦν ὁ Λόγος,
καὶ ὁ Λόγος ἦν πρὸς τὸν Θεόν,
καὶ Θεὸς ἦν ὁ Λόγος.

RESUMO

O presente trabalho teórico-prático consiste num estudo cujo objetivo é apresentar a história da fundação da Academia Sergipana de Contadores de Histórias e a sua importância social na promoção da redescoberta da contação de histórias, a partir da produção de um documentário radiofônico. Para tanto, apresenta fundamentações quanto as técnicas e elementos da linguagem de rádio e sua aproximação com a narrativa oral da contação de história. O memorial descritivo aborda o mundo da contação e da oralidade, assim como aproxima a teoria e a linguagem do rádio das técnicas da contação. Como resultado, delineia e realiza um documentário de radiojornalismo sobre o tema.

Palavras-Chave: Contadores de histórias; Oralidade; Radiojornalismo.

ABSTRACT

The present theoretical-practical work consists of a study whose objective is to present the history of the foundation of the Sergipan Academy of Storytellers and its social importance in promoting the rediscovery of storytelling, from the production of a radio documentary. In order to do so, it presents fundamentals as to the techniques and elements of the radio language and its approximation with the oral narrative of the storytelling. The descriptive memoir addresses the world of counting and orality, as well as approaching the theory and language of the radio to the techniques of counting. As a result, he delineates and performs a radiojournalism documentary on the theme.

Keywords: Storytellers; Orality; Radiojournalism.

SUMÁRIO

LISTA DE FOTOS	9
LISTA DE FIGURAS	10
LISTA DE SIGLAS	11
1 INTRODUÇÃO	12
2 ASPECTOS HISTÓRICOS DO RÁDIO EM SERGIPE E A IMERSÃO NA ORALIDADE	17
2.1. Reminiscentes da contação de histórias	18
2.2. O mundo da oralidade	21
3 O RÁDIO E SUAS APROXIMAÇÕES DA ORALIDADE MUDIATIZADA.....	28
3.1. A linguagem radiofônica e o radiojornalismo.....	31
3.2. Relevância da semiótica radiofônica.....	33
3.3. Elementos da linguagem radiofônica.....	36
a) A palavra.....	37
b) A música	38
c) Efeitos sonoros	40
d) Silêncio	41
e) A montagem	43
4 A PEQUENA HISTÓRIA DA ACADEMIA SERGIPANA DE CONTADORES DE HISTÓRIAS	45
5 METODOLOGIA DO RADIODOCUMENTÁRIO	55
6 CONCLUSÃO	58
REFERÊNCIAS.....	60
APÊNDICE A – ROTEIRO DO DOCUMENTÁRIO.....	62
APÊNDICE B – PRÉ-PROJETO	71
APÊNDICE C – FOTOS	94
ANEXO A.....	96
ANEXO B.....	97

LISTA DE FOTOS

Foto 1 – Reunião de fundação da ASCH, 20.12.2017	47
Foto 2 – Entrevista da professora Fátima Colares	92
Foto 3 – Entrevista do presidente da ASCH, Antenor Aguiar	92
Foto 4 – Bibliotecária Cláudia Stocker	93
Foto 5 – Professora Aglacy Silva, diretora da Nossa Escola	94

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Brasão de Armas da ASCH	48
Figura 2 – Linha temporal da contação de histórias em Sergipe	49
Figura 3 – Cartaz da 1ª Feira do Livro em parceria com o Governo do Estado	95

LISTA DE SIGLAS

ASCH	Academia Sergipana de Contadores de Histórias
BG	Background
BIAFA	Biblioteca Infantil Aglaé Fontes de Alencar
BPED	Biblioteca Pública Epifânio Dória
DIP	Departamento de Imprensa e Propaganda
HANNAH	Grupo História e Arte Numa Narrativa Alegre e Harmônica
PROSARTE	Grupo de Prosa e Arte
UNIT	Universidade Tiradentes

1 INTRODUÇÃO

A comunicação tem como fundamento fazer saber, dar notoriedade e apresentar algo de relevante ou que se queira evidenciar. Assim nascem os contadores de histórias, pessoas que têm algo a dizer sobre as aventuras do passado ou do presente e até mesmo do futuro.

Desde as mais remotas personagens na pré-história, passando pelos trovadores antigos, filósofos, ministros religiosos, mestres medievais, cientistas da modernidade, anciãos etc., sempre houve quem se dispusesse a inserir os demais nos mistérios e saberes que conhece, empolgando e despertando interesse em pessoas desconhecidas.

Na atual Era da revolução das tecnologias digitais (GABRIEL, 2013), a curiosidade e a busca por conhecimento encontra no espaço digital da Web sua busca mais evidente. Em meio ao dilema da continuidade do livro e da frequência nos espaços físicos da leitura dos impressos, a biblioteca, onde também se encontram outros formatos de livros ou não, uma figura se evidencia como mediação de proximidade não eletrônica, mas orgânica, viva, falante e presente, a saber, os contadores de histórias.

Dito dessa forma, a geração dos nativos digitais¹, as crianças do Século XXI, a contragosto do que pensa o senso comum, expressa seu interesse pelas histórias contidas nos livros e, conseqüentemente, no mundo imaginário da oralidade, midiaticizado pelo papel de seus intérpretes e tradutores populares.

Isso intriga um estudante de Comunicação Social e Jornalismo, este autor, ainda mais após o término de sua dissertação de mestrado, em março de 2018, com o título A fotografia digital na mediação de saberes da disciplina de filosofia no ensino médio, outra mídia aplicada à educação.

Desta feita, questiona-se como técnicas de fora da didática e formação docente são utilizadas pelos alunos de modo a lhes amparar a aprendizagem? Melhor, como as técnicas ligadas à Comunicação se inserem em áreas não específicas?

¹ Os nativos digitais são aquelas pessoas que não migraram, mas já nasceram num espaço onde a cultura digital já estava posta e se desenvolveram no uso dessas tecnologias, às quais as gerações antecedentes tiveram maior dificuldade de aprender a manusear, enquanto outros sequer tomaram conhecimento.

Cada vez mais as tecnologias da comunicação, não apenas as eletrônicas ou digitais, mas o conjunto de técnicas e metodologias que se somam na constituição de um ambiente de troca de informação, no qual o emissor-produtor da mensagem se identifica com o próprio canal de transmissão, interagem na informação pedagógica.

Foi no contexto descrito acima que despertou o interesse deste autor de se buscar saber mais sobre os contadores de histórias. Em especial, por conhecer pessoas que desempenham esse papel socioeducativo, com recursos da oratória e da comunicação, em geral, desprovidos de tecnologias eletrônicas, a não ser do fundo musical, quando há, e conseguem criar a paisagem sonora e o ambiente imaginário, palco de suas histórias.

O tema deste trabalho se insere na contação de histórias e sua delimitação em A história de fundação da Academia Sergipana de Contadores de Histórias: um documentário radiofônico. Logo o objeto de pesquisa e reportagem é a ASCH. Os sujeitos deste estudo são os primeiros acadêmicos que influenciaram na fundação da própria Academia.

Desde o conhecimento de que há oito anos acontecem em Aracaju-SE os encontros sergipanos de contadores de histórias, na biblioteca infantil Aglaé Fontes de Alencar, contígua à Biblioteca Pública Epifânio Dórea, tem-se feito uma busca de fontes e referências a respeito da contação de histórias.

A forma de um projeto experimental de rádio, para esta reportagem-documentário, foi escolhida pela sua proximidade com papel social dos contadores, em fazer o espectador inserir-se no mundo oral do áudio, no qual o repertório e a paisagem musical predominam, desde a entonação da voz à escolha das palavras, mais do que as imagens e cenários físicos.

Para tanto, este produto orienta-se pelas teorias do radiojornalismo e da oralidade, a partir de revisão de literatura, segundo as ideias de McLuhan (1972), Prado (1989), Silva (1999), Meditsch (1999), Barbeiro (2001), Baumworcel (2005), Meditsch e Zucolotto (2008), José (2015) aplicadas na gravação de diversos áudios de depoimentos e entrevistas e finalização com a produto de uma peça radiofônica de cunho cultural e jornalístico, pronta para veiculação na mídia e doação à ASCH.

Quanto aos procedimentos metodológicos, por se tratar de um projeto experimental de rádio, esta pesquisa é, quanto a abordagem, do tipo qualitativa, pois suas preocupações não estão no universo dos números e da quantidade, mas das

qualidades, ou seja, das impressões, sentimentos e reações que nosso objeto causa aos sujeitos entrevistados e à sociedade em que se inscreve.

É ainda uma pesquisa dialética, quanto à forma como se aborda o estudo, vez que para Pradanov e Freitas (2013) é um método de interpretação mais dinâmico e totalizante da realidade, por considerar que os fatos não podem ser tomados fora de um contexto social, político, econômico etc.

Quanto à sua natureza, é uma pesquisa Aplicada, pois envolve problemas e verdades locais, destina-se a algo específico que são as origens da fundação da referida Academia. Quanto aos objetivos é uma pesquisa do tipo exploratória, seguida de entrevistas, pois visa proporcionar mais informações sobre o assunto investigado e possui planejamento flexível, como se presta a uma reportagem do tipo documentário.

Do ponto de vista dos procedimentos técnicos, ou seja, considerando o ambiente em que é desenvolvida é uma pesquisa do tipo Estudo de Caso, vez que “O estudo de caso consiste em coletar e analisar informações sobre determinado indivíduo, uma família, um grupo ou uma comunidade, a fim de estudar aspectos variados de sua vida, de acordo com o assunto da pesquisa”. (PRADANOV; FREITAS, 2013, p. 60). Ou seja, constitui-se em coletar, produzir e analisar informações sobre a criação da ASCH.

O universo desta pesquisa se circunscreve na cidade de Aracaju-SE, com os sujeitos que fundaram a dita Academia, no ano de 2017, bem como colaboradores e outros integrantes ou pessoas envolvidas em tal instituição que se disponham a ceder entrevistas para veiculação na mídia radiofônica.

Tal amostragem envolve, sobretudo, as pessoas da origem da criação da ASCH, por se tratar, conforme o depoimento dos entrevistados, do primeiro trabalho acadêmico de jornalismo de pesquisa e divulgação dessa natureza. Esta é a principal relevância dessa reportagem e documentário, a originalidade e, portanto, perpetuidade, inclusive, seu contributo cultural e intelectual para a sociedade sergipana.

Portanto, o objetivo Geral deste trabalho é apresentar a história da fundação da ASCH e a sua importância social na promoção da redescoberta da contação de histórias, a partir da produção de um documentário radiofônico. Os objetivos específicos são: Conhecer a trajetória da fundação da ASCH; Aplicar a

teorias do radiojornalismo na construção de uma reportagem sobre esta fundação; Construir uma peça radiofônica para veiculação na mídia local sobre a ASCH.

De acordo com Prado, “O rádio é o sistema de distribuição de mensagens mais extenso, ágil e barato com que conta à sociedade atual. Nenhum outro meio pode competir com sua modalidade [...]” (PRADO, 1989, p. 15) e não exige do ouvinte a exclusividade da imagem frente ao aparelho de tevê e nem a obrigatoriedade de saber e/ou querer ler o jornal impresso.

Outrossim o segundo Capítulo deste texto parte dos reminiscências da história do rádio em Sergipe, sobretudo quando se torna um propagador de histórias pela radionovela, dentre outras, a fim de fundamentar a sua escolha enquanto mídia de produção deste documentário. Divide-se, ainda, numa introdução à figura do contador de histórias e ao mundo da oralidade, sobretudo segundo McLuhan (1972).

O terceiro Capítulo apresenta uma revisão de literatura para produção do memorial descritivo e versa as teorias do radiojornalismo, a fim de aplicá-las na construção do documentário sobre a fundação da ASCH. Atualiza-se a primazia do rádio sobre as demais mídias convencionais, esclarece a linguagem própria deste veículo e enfatiza suas capacidades semióticas, para justificar a criação de sentido a partir de seus elementos de construção: a palavra, a música, os efeitos sonoros, o silêncio e a montagem.

No quarto Capítulo se conta a história de fundação da Academia Sergipana de Contadores de Histórias, a partir dos depoimentos dos entrevistados e se traça uma breve linha temporal dos fatos que lhe deram origem. Apresenta-se ainda a identidade que se configura nesta fase inicial de criação.

O quinto Capítulo explica a metodologia desta pesquisa e da confecção do documentário final. A produção do documentário se encontra no Apêndice A, com o Roteiro de Rádio, descritivo técnico do estúdio de produção, cujo utiliza os elementos da linguagem radiofônica, paisagem sonora e a relação verbo-voco-sonoplástica, para construir uma peça pronta para a veiculação na mídia.

Assim exposto, essas são características facilitadoras que o rádio possibilita quando se quer atingir um público maior e indiscriminado, por não exigir aquele conhecimento especializado para a recepção e decodificação das mensagens radiofônicas. Como explica Prado,

O rádio como meio informativo pode fazer um papel muito diferente [...] pode aumentar a compreensão pública através da *explicação e análise*. [...]

Pode-se contar, além disso, neste sentido reflexivo, com a capacidade de restituição da realidade através das representações fragmentárias da mesma, veiculadas com seu contorno acústico. (PRADO, 1989, p. 28)

Logo, apresentamos o valor de notícia na importância da fundação da ASCH a partir da produção de um documentário radiofônico.

2 ASPECTOS HISTÓRICOS DO RÁDIO EM SERGIPE E A IMERSÃO NA ORALIDADE

A primeira transmissão de rádio ocorre no Brasil em 1922 e a primeira emissora é montada em 1923. Mas em Sergipe, o rádio só chegou em 1939.

Os primeiros indícios de comunicação sem fio no Estado, deram-se através do alto-falante instalado no Instituto Histórico e Geográfico, a serviço do Governo Estadual para a divulgação do boletim oficial.

Desde então novos alto-falantes foram instalados em alguns pontos da capital, com a finalidade de transmissão de músicas, semelhante ao papel de uma emissora de rádio, como se observa atualmente em algumas cidades do interior do Estado, como Umbaúba, Estância e Tobias Barreto.

Em junho de 1939, o presidente Getúlio Vargas concede permissão para a implantação de uma estação de radiodifusão em Aracaju-SE, através do Decreto-lei nº 4328, de 30 de junho de 1939. Na mesma data em que é inaugurada a Rádio Aperipê de Sergipe.

A Rádio Aperipê fazia parte do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), ainda no Governo de Eronildes Ferreira de Carvalho. Era de iniciativa privada mas acabou pertencendo ao Governo do Estado, por esse quitar as dívidas da aparelhagem. A emissora era identificada pelo prefixo PRJ-6 e tinha como meta prioritária “Educação e Propaganda”.

Alguns anos mais tarde, A rádio Aperipê foi vendida ao empresário Augusto Luz e revelou grandes nomes, a exemplo de Alfredo Gomes, João Ribeiro, Cláudio Silva e Wolney Silva.

Segundo Goes, Bispo e Oliveira (2014), a emissora progrediu e o público também demonstrou seu interesse pela radiofonia sergipana. Entretanto sua programação sempre esteve voltada para os interesses do Estado.

Os autores acima ainda destacam que, apesar de o rádio apresentar aparentes sinais de declínio no Sul do país, como o advento da televisão na década de 1950, aos sete de setembro de 1953 Sergipe inaugura a sua segunda emissora, a Rádio Liberdade AM, de propriedade do industrial sergipano Albino Silva Fonseca. A Rádio Liberdade AM ganha sua audiência sob microfones de disputas políticas, por se tratar de uma rádio de oposição partidária.

De acordo com Goes, Bispo e Oliveira (2014), a transmissão dos programas esportivos também fazia sucesso e causava até conflitos entre a Liberdade e a Difusora. Esta última, amadora, tentava se estabelecer.

As disputas se davam porque a Difusora possuía ligação com os dois estádios de Aracaju e conseguia transmitir duas partidas de futebol ao mesmo tempo, enquanto a Liberdade transmitia uma partida.

No entanto, era a Rádio Liberdade quem paralisava o comércio nos horários dos programas, especialmente aqueles que traziam notícias, crônicas e fatos políticos, bem como protagonizou, no Estado, o Rádio Teatro, que mais tarde passou a ser chamado de radionovela.

É esse aspecto da narrativa oral do rádio que justifica a sua escolha enquanto mídia de veiculação para o documentário que ora se desenvolve. É pela importância do rádio na contação de tantas histórias reais e imaginárias que essa mídia foi escolhida para contar a trajetória da ASCH.

2.1. Reminiscentes da contação de histórias

A história ou as origens dos contadores remonta aos mitos mais antigos da humanidade. Conta-se do mito grego de Hermes que ele possuía asas nos pés para voar entre o céu e a terra relatando aos deuses e aos homens suas histórias.

Bem assim toda cultura e literatura antiga, a exemplo dos livros sagrados, foi, antes de escritos, cultura oral, transmitida e enriquecida, alegorizada, enfeitada, de geração em geração, ganhando importância e significado, tanto para quem ouvia quanto para quem contava.

O contador de histórias é uma figura muito antiga, um avô ou seu ancestral, ou outro ancião, presente no imaginário de inúmeros povos e gerações ao longo da História, desde aqueles desprovidos de recursos tecnológicos avançados, contando apenas pela mídia natural, o som que criava, sua tonalidade, suas expressões e gestos e a paisagem local.

Sem muita instrução formal, o contador do passado era o mestre, o xamã, o sacerdote, um ser imprescindível na educação e formação de todos, responsável pela importante tarefa de perpetuar as narrativas de histórias, 'causos', contos, mitos, lendas, dentre outras.

Eram esses ‘sacerdotes’ que davam o tom moral, a interpretação e mensagem a ser seguida, recontando histórias antigas e elucidando as realidades desconhecidas ou, ainda, impregnando-as de maiores mistérios, a fim de manter vivo o respeito aos antepassados e suas narrativas, assim como a esperança no que não podiam ver ou tocar.

O narrador oral, descrito acima, remonta historicamente à figura dos bardos da antiguidade ao medievo, herdeiros do deus Hermes, eram responsáveis pela transmissão de histórias, lendas em forma de poemas orais e canções. Deles dependia a vitória sobre o desconhecido e a coragem de se seguir em frente a enfrentarem os monstros e demônios que habitavam seu imaginário, com seus heróis e um final feliz, apesar das adversidades, do desconhecido.

Quando se fala de contadores de história logo se imagina que as novas tecnologias os aboliram, ou que não há mais espaço para este tipo de narrativa. Não na Era digital e do texto multimidiático, em que se toca na tela do smartphone e logo acessa outros textos ou assiste a vídeos e ouve música ou faz tudo isso simultaneamente.

Normalmente o contador está muito associado à Era Medieval em razão de sua presença nos filmes contemporâneos que relatam aquela época. Aqueles trovadores nas coortes dos castelos, onde se reuniam para apreciar som e enredo de peças tradicionais de entretenimento, formação e informação, instrução e compartilhamento das estruturas sociais mais antigas.

Desde o teatro grego, pode-se intuir a força de uma narrativa, bem arquitetada para a transmissão de uma ideia ou lei moral, para atrair o interesse do audiente ao espetáculo da narração que as palavras não conseguiriam, se lidas ou ouvidas no silêncio mergulhado de solidão.

O recurso do qual lança mão um narrador perpetua uma arte que não se extinguiu, mas se desenvolve desde a oratória de Aristóteles e do espiritualismo medieval, a evocar certo tom de magia na sua voz ao redor de lareiras, noite a dentro.

Uma das mais conhecidas histórias de contadores e de seu poder em transformar o ouvinte é o compêndio de Scherazade e as 1001 Noites. Esta narradora consegue se manter viva e livre, inclusive curar a mágoa e a desconfiança do Sultão com suas narrativas, purificando, com palavras, seu coração do desejo de vingança contra as mulheres.

Quem nunca se deparou com este recurso, de contar uma história para o interlocutor, a fim de lhe amenizar os ânimos ou relativizar, com outros exemplos, suas ideias fixas? Isso não são apenas os psicoterapeutas que fazem.

Outrossim, há diversas metodologias quanto à forma de se contar uma história, de como introduzir um assunto e conduzi-la a prender a atenção do ouvinte. Segundo Coelho (1986), tais metodologias também são inventadas, produzidas ou simplesmente reproduzidas pelos contadores, no desempenho do seu papel, seja onde for ou para quem for quem conta algo tem a liberdade de lançar mão de uma infinidade de recursos respaldados pela tradição oral.

Quanto a este levantamento, a prática da contação em Aracaju vem sendo disseminada nas escolas e bibliotecas, mas carece de formação específica, visto que não se tem cursos de contadores com frequência e aqueles que atualmente desempenham tal tarefa, em sua maioria, o fazem por inclinação pessoal, sendo que alguns possuem graduação e, não raro, outros são pouco letrados.

Cavalcanti (2002) insiste na aplicação do papel do contador diretamente voltada às atividades pedagógicas, reconhecidas na literatura infanto-juvenil brasileira e internacional, partindo da poesia grega, passando pelo imaginário medieval das fadas, além de trazer uma breve história da arte milenar dos contadores de história.

O resgate de Cavalcanti (2002) desmitifica tal ofício como algo pueril ou de camadas sociais menos favorecidas. A exemplo do Sultão de Scherazade e as 1001 Noites, os contos relatam o cotidiano de nobres e influentes autoridades, sobretudo figuras de relevante importância para a comunidade, talvez para dar importância ao conto.

Outrossim podemos destacar, por exemplo, a tradição bíblico-judáica e seus contos milenares, tardiamente escritos e religiosamente tidos como verdade inquestionável, dada a importância e autoridade divinas.

Stocker (2014), relaciona a contação como auxiliar na tarefa da aquisição do conhecimento e o relevante papel dos contadores no desenvolvimento do interesse das pessoas pela leitura como instrumento de educação. Mesmo a educação formal pode lançar mão dessa ferramenta e descobrir a tecnologia que facilita o processo de ensino-aprendizagem.

Isto corrobora a história da contação, que destaca os primeiros contadores, os xamãs das cavernas pré-históricas e suas narrativas a partir das pinturas

rupestres, bem como a tradição das religiões que educam sobretudo pelas histórias de suas fundações, as quais o bom fiel tem de cor. São tradições inicialmente orais que só tardiamente alcançaram a tecnologia da pintura ou da escrita para dar-lhe eco e continuidade em outras vozes.

Stocker (2014) também explora não mais os tipos de leitura, mas os gêneros literários na contação e algumas técnicas do uso transformador das histórias na formação do futuro leitor. Para a autora, o gênero se diversifica e tende a se moldar ao tipo do enredo. Tal adaptação é uma sabedoria que deve ser respeitada por aqueles que se dispõem a simplesmente relatar um fato ou mesmo a contar uma história ao grande público.

Na verdade, quem não gosta de uma boa história? Ou quem nunca se pôs a conta-la, esperando a atenção primordial durante seu relato e o merecido reconhecimento ao seu final. Quem, quando criança, adolescente ou mesmo adulto não se encantou ou se encanta com uma boa história e uma história bem contada?

A forma ou o estilo com que se conta interfere no interesse pelo conto e pela procura posterior de sua continuidade. Seja na busca da verdade sobre os fatos, seja no mergulho ainda mais profundo do mundo imaginário. Os livros e os filmes, não raro, são revisitados, pelo entusiasmo que suas histórias ressuscitam na pessoa que as acompanha, no silêncio de seus corações e mentes ou nos sons modestos de suspense e gritos de horror.

2.2. O mundo da oralidade

Para entender melhor que construção é o mundo oral, precisa-se fazer uma viagem cultural e temporal, na qual o guia dos meios, McLuhan (1972), será auxiliado por alguns dos autores que o mesmo cita em suas obras, assim como Silva (1999).

Carothers (1959 apud MCLUHAN, 1972), por exemplo, entende que a influência da palavra oral tomou como base os africanos de vida rural, ao avaliar o poder das palavras da típica cultura oral e alfabética das comunidades tribais, para as quais, “o pensamento e a conduta dependem da ressonância mágica das palavras e de sua força para impor inexoravelmente suas suposições” (CAROTHERS, 1959, p. 309 apud MCLUHAN, 1972, p. 35). Para estes autores a

população rural não alfabetizada vive em grande parte num mundo de sons, no qual a realidade parece residir mais no que se diz e ouve. Carothers ainda continua:

[...] em certo sentido os sons são coisas dinâmicas ou, pelo menos, são sempre indicadoras de coisas dinâmicas – de movimentos, de eventos, de atividades pelas quais o homem, quando em grande parte desprotegido contra os azares da vida nas matas e nas estepes sul-africanas, têm que sempre estar alerta. (CAROTHERS, 1959, p. 310 apud MCLUHAN, 1972, p. 35)

O estado de prontidão auditivo, do qual emergem as suposições que forçam o pensamento e as atitudes, integradoras da paisagem física à paisagem mental e vice versa, gera uma leitura de mundo através dos sentidos, mas sobretudo auditivo, da qual se herda uma capacidade imaginativa intuitiva que igualmente mantém a todos em permanente estado de espera a apreensão frente aos sons conhecidos ou não da civilização contemporânea.

A respeito da atenção, expressão de um inteligência auditiva, não se ignora aqui a memória dos sons que já se possui e faz a cada um, desde bebê, reconhecer e ler o espaço que o circula, seja a voz dos pais ou sua dramaticidade, a música e outras impressões sonoras que vão significando e simbolizando a compreensão da existência e construindo o sujeito cultural que dela se apropria.

Carothers (1959 apud MCLUHAN, 1972) refere-se também ao mundo sobrecarregado de drama e emoção, no qual o homem tribal está imerso nesse mundo mágico de audição. Pode-se ainda intuir sobre esse modo de vida alerta aos sons advindos de todos os lados simultaneamente, numa dimensão circular, melhor, num espaço acústico circular, como o afirma McLuhan (1972), em que o homem vive a dimensão do conjunto, numa totalidade espacial, conduzindo-o à interação no todo da comunidade, muito embora isso lhe cause considerar a si mesmo como parte um tanto insignificante de algo muito maior: a família e o clã.

Referindo-se a Popper, por sua vez, McLuhan (1972) destaca que a comunidade tribal (e mais tarde a cidade) é o lugar de segurança para a tribo que vive cercada de inimigos e de forças perigosas ou mesmo mágicas e hostis. A tribo ao passo que protege, aliena e alarga, estende a personalidade e a compreensão humana a dimensões de opinião pública. Em tudo isso se constata a gestação na qual vivia o universo eminentemente sonoro-musical, do qual emerge o rádio.

A verdade do audível está no que todos dizem. Daí porque McLuhan (1972) as chama de sociedades fechadas, produto da tecnologia da fala ou linguagem oral, do tambor e da audição, que estão ligadas aos códigos comuns, àqueles grupos, somente decifráveis por eles. Nada pode ultrapassar o automatismo e rigidez fixista de uma comunidade oral e não-alfabetizada em seu coletivismo não pessoal.

Eis porque a oralidade do rádio tende a aglomerar e congregar os ouvintes, mesmo individualmente, não estando todos presentes na mesma 'sala'. Entretanto, Silva afirma:

Diferentemente das sociedades arcaicas, cuja situação comunicativa se caracteriza pela ausência da escrita e, portanto, conta com a presença física do emissor, o rádio no seu processo comunicativo freqüentemente reproduz uma voz sem corpo, ou seja, uma voz que, com o advento das tecnologias de transmissão e estocagem de sons, separa-se da fonte que a produziu. (SILVA, 1999, p. 42).

A voz do rádio nem sempre foi um meio cego. Antes, o próprio corpo e posteriormente os signos que se leem em voz alta fazem necessário conhecer o mínimo das condições de cultura e percepção que tornaram possível primeiro a escrita e depois, de algum modo, o alfabeto fonético que, embora não sendo único, foi advento tardio do sujeito humano. Ainda mais que “sem o alfabeto não teria havido Gutenberg” (MCLUHAN, 1972, p. 70). Até porque havia muita escrita antes do alfabeto, como esclarece McLuhan:

[...] de fato, qualquer povo que cesse de ser nômade e passa a seguir modos sedentários de trabalho está propenso e a caminho de inventar a escrita. Todos os nômades não só não tiveram escrita como não desenvolveram arquitetura, nem 'espaço fechado', pois a escrita é um modo de fechar, visualmente, sentido e espaços visuais. É. Portanto, uma forma de abstrair o visual do intercurso comum dos sentidos em globo. E enquanto a linguagem é uma exteriorização (manifestação) de todos os sentidos ao mesmo tempo a escrita é uma abstração da palavra. (MCLUHAN, 1972, p. 74)

Cherry (1951 apud MCLUHAN, 1972) vem complementar a afirmação acima, pois segundo esclarece, “As primeiras escritas das civilizações do mediterrâneo eram por meio de desenhos, de imagens ou figuras, ou escrita 'logo gráfica' ” (CHERRY, 1951, p. ? apud MCLUHAN, 1972, p. 67). Sabe-se que a logografia se trata de simples figuras para representar objetos e também, por

associação, ideias, ações, nomes, etc. Elas tiveram sua origem já há muitas Eras, quando das primeiras comunicações.

Como bem testemunha a história, aproximadamente entre 100 a 500.000 anos atrás, o homem fazia uso apenas da palavra falada, dos sons que emitia conscientemente – a língua é a somatória dos sons articulados normalmente pelos homens. Mas foi por volta de 3.500 a.C. que surgiu a escrita hieroglífica (escrita sagrada); inicialmente pictográfica no Egito, ideográfica na China e cuneiforme na Mesopotâmia. O que eles queriam expressar é o que eles realmente tinham desenhado.

A comunicação em si, e seus meios, sempre tiveram sua natureza social e política, também teve e tem seu exercício de poder, que por sua vez, encontra sua mais comum expressão no sagrado do divino. Leão (1992) diz que, no início, era de sagas e de totalidades vivenciadas ou grandes histórias familiares, grandes feitos e guerras que se falava. A compreensão disso ocorria imediatamente, pois se havia vivido o referido evento. Não era uma ideia mental construída a partir de inferências; daí um caráter até sagrado às coisas de que se tinha conhecimento, uma vez expressas. Era a fase Órfica e Mítica.

Vale ainda destacar algumas implicações econômicas que definiram aquelas sociedades, a exemplo do trabalho humano que se destinava tão somente à subsistência. Ele era todo consumido, logo a ideia de acumulação ainda não vigorava.

No entanto, a técnica de cultivar a terra sedentarizou o homem nômade e mudou radicalmente sua situação estacionária de dois milhões de anos, aparentemente eterna, a não ser por um outro fator, segundo Muraro (1966), o de que, depois de cultivar a terra, o homem teve suas necessidades satisfeitas e, uma vez acumuladas as sobras, partiu para o processo de troca, escambo e comércio. Conforme a autora

[...] os nômades, até então dispersos em grandes espaços e com muita comunicação entre si, fixam-se nas primeiras aldeias, que viriam a ser, mais tarde, os grandes núcleos das primeiras cidades antigas. As primeiras trocas comerciais trazem as primeiras comunicações regulares entre as comunidades. O trabalho humano, então, passou definitivamente, de passivo a adquirir um caráter ativo. A complexificação das trocas passa a exigir processos cada vez mais refinados tanto no que se refere à estocagem do produto acumulado, quanto ao seu armazenamento e contagem. Os fenícios, os melhores

comerciantes da antiguidade, inventaram, então, para suprir essas necessidades, o alfabeto fonético. (MURARO, 1966, p. 39).

Tal invenção se deu por volta de 2.000 a.C., quando associavam o sinal ao som, e sinais com sons e sons com sons, para uma ideia só. O sentido a ser enfatizado não era mais a audição, mas a visão. Dependia dela, agora, a compreensão sequencial dos sinais e o que significariam, a quem a realidade estaria ligada. O que antes era imediato passa a ser mediatizado.

Dito até aqui, o que se observa na Era do rádio é o retorno ao auditivo, extenso até ao fim da Idade Antiga e Média. Embora, mesmo sendo limitado o bojo escrito e a leitura em voz alta ainda ser privilegiada pelos magistrados em função da participação dos seus frequentadores. A oratória e a retórica e até mesmo a arte (visual) corroboravam para o imaginário do espaço auditivo.

A Era moderna pós prensa de tipos móveis, a invenção do livro individual e sua inicial leitura em público, de um para todos, de certa forma, prepararam o consumo da informação para aquilo que figura o rádio entre um dos primeiros meios de comunicação coletivos e à distância, que embora se dirija a todos, convida o seu receptor para uma experiência a dois, ainda que no imaginário do ouvinte.

No sentido acima, o rádio é uma experiência solitária, assim como a leitura e qualquer forma de comunicação que gere uma linguagem própria e seus significados. Sobretudo, vez que cada ouvinte o faz no íntimo de sua mente e o entende à sua maneira, embora se reserve o dado cultural da coletividade sujeita à mesma sonora, como num filme ou teatro, não se ignora que a apreensão e a forma de fazê-la é individual e condicionada pela memória pessoal.

Tal aspecto radiofônico, presente no mundo da oralidade foi explorado pela cultura eclesial na Idade Média, o que refletiu o predomínio, o monopólio, a autoridade da igreja católica em relação ao saber, como formadores da mentalidade do homem medieval, procurando transmitir os conceitos, as ideias e as ações religiosas baseadas na sua própria doutrina. Retirem-se os longos sermões e mantenham-se apenas os documentos escritos e facilmente duvidaríamos que tal hegemonia perdurasse.

Muito embora a igreja medieval rejeitasse as antigas cerimônias primitivas por serem consideradas rituais pagãos, induziu seu *ethos* comum através de rituais em que seus fiéis ouviam mais do que falavam e falavam apenas reproduções dos

seus sacerdotes, bem como seus valores e costumes. Embora, nesse período, o movimento de destribalização continuasse a ocorrer, estava orientado e impulsionado por práticas orais, das quais Silva (1999) destaca a reelaboração de signos de uma oralidade mediada

[...] pela proximidade de corpos e intermédio da voz performática, pois embora o surgimento do rádio tenha se dado num contexto há muito "permeado" pela escrita alfabética grega, corporificada pela lógica aristotélica e linear, uma lógica por contiguidade, conforme Décio Pignatari (1987:144), a sua linguagem apresenta características similares às desenvolvidas pelas narrativas das sociedades arcaicas (SILVA, 1999, p. 42).

É justamente a isso que se refere este capítulo, das atitudes performáticas originárias no mergulho do mundo primitivo oralizado onde, se há referencial escrito, esse não figura a principalidade, mas, apesar de tanta tecnologia eletrônica e/ou digital, é a voz que ultrapassa o referente da palavra, enquanto signo simbólico, para tornar-se acontecimento e significado. Eis porque as métricas semânticas da gramática não substituem a performance do locutor, dado que esse também incorpora e dá sentido ou vida ao que diz ou lê.

O rádio 're-apresenta', à sua maneira, os elementos de que o ouvinte precisa para reatualizar a compreensão sígnica do que ouve, a partir de peculiaridades da oralidade, a saber, a justaposição de sons que compõem os textos radiofônicos, a exemplo das sociedades primárias, assim como técnicas de assimilação que remetem às leis, relatos míticos, trovas e ao teatro, as frases fixas e repetidas até a memorização.

Silva (1999) destaca e compara as justaposições referidas acima à performance do ator e à sonoplastia radiofônica de modo que o texto radiofônico resulta da semiose desses elementos e cria relações de significação. Os elementos que compõem e constroem a linguagem radiofônica, assim como a oral, não são exclusivamente verbais-orais, conforme Silva, mas

[...] resultado da interpenetração de elementos não-verbais e verbais, que perdem sua unidade conceitual para adquirirem uma nova especificidade. A partir do dialogismo destes dois elementos inaugura-se uma forma, uma sintaxe nova, singular ao meio no qual estão inseridos. (SILVA, 1999, p. 45).

O que está em questão aqui, enquanto elementos de linguagem, é a construção da ideia que, independente do meio ao qual se vincula a sua estética e consequente interpretação, ocorre de forma abstrata na mente de quem a percebe e, antes, na mente de quem a criou.

Ademais, o rádio é um veículo cuja plasticidade depende sobremaneira de elementos sonoros, portanto, de uma lógica diversa da escrita, cujos textos longos incompatibilizam com a efemeridade, quando oralizados, vez que o rádio “deve ser estruturado a partir de frases concisas, de forma atraente, clara e persuasiva”. (SILVA, 1999, p. 46).

3 O RÁDIO E SUAS APROXIMAÇÕES DA ORALIDADE MEDIATIZADA

Toda reportagem é uma contação, igualmente é uma pesquisa, que também carrega os rigores de sua produção. Para tanto, ao que se propões neste trabalho, é mister seguir as orientações dos teóricos do radiojornalismo.

Silva (1999) apresenta a necessidade, sobretudo dos elementos da linguagem radiofônica, voz e sonoplastia, ritmos, paisagem sonora e plasticidade da palavra oralizada e mediatizada, assim como o silêncio significativo. Este último é pouco explorado e tão eloquente na produção do imaginário quanto uma palavra bem escolhida.

Os fundamentos da difusão pelo rádio acessam, desde longínquas datas, os elementos mais remotos da oralidade humana e dispõem, sem reservas, da imaginação dos ouvintes. Se alguém já disse que o mundo auditivo descarta as imagens, ignora que toda imagem repousa sua gênese no âmbito das ideias, nas quais a audiência é mister em criá-las, portanto, imaginá-las, melhor, criar sua paisagem mental sonorizada.

Este capítulo, por sua vez, atualiza alguns dados sobre a mídia rádio, apresenta, ainda que brevemente, as origens da radiodifusão, os fundamentos e elementos que a embasam, enquanto meio de comunicação e de produção de linguagem, ao passo em que dialoga com alguns autores sobre a importância da oralidade na transmissão da notícia, a exemplo dos clássicos McLuhan (1972) e Silva (1999).

A princípio, são dois os fatores que embasam a radiofonia brasileira, em específico sobre a sua linguagem, paradoxais, conforme Silva (1999), a saber, a presença marcante do meio rádio no cotidiano das pessoas e a sua linguagem "audiotáctil" e "em cores", expressões emprestadas de Medaglia (1978, p. 127 apud SILVA, 1999, p. 17).

Embora a referência a Silva (1999) já diste aproximadamente 20 anos é mister assinalar que pesquisas recentes apresentam dados semelhantes. A autora assinala 89,3% de ouvintes tem acesso ao rádio em casa, na década de 1996, enquanto o Ibope Media² calcula que 87%, das 13 regiões metropolitanas pesquisadas, em 2017.

² Disponível em: <https://www.kantaribopemedia.com/wp-content/uploads/2017/09/KIM17_bookradio_final-2.pdf> Acesso em: 02 Set. 2018.

Igualmente, para os 90% das pessoas entre 10 e 65 anos da década de 1999 que ouviam rádio diariamente. Segundo a mesma pesquisa do Ibope Media³, os dados apontam o mesmo hábito para 91% dos 15 aos 19 anos, 90% dos 20 aos 49 anos, 86% dos 50 aos 59 anos, mas 79% a partir dos 60 anos. Constata-se uma maior procura pelo rádio entre os mais jovens e uma queda de audiência entre os mais idosos.

A pesquisa de 2017 aponta ainda que 51% da população escuta o rádio em casa, 15% no carro, 9% no trabalho e 5% durante algum trajeto. É a capacidade de adaptação e a mobilidade do rádio que faz com que este meio alcance rapidamente o seu público. Segundo a pesquisa acima 35% dos ouvintes de rádio declararam consumir o meio quando precisam de uma atualização rápida das notícias.

Apesar da portabilidade dos smartphones, mas sobretudo da convergência das mídias, fato pelo qual o rádio é ouvido por meio de diversos equipamentos, 58% dos entrevistados no Ibope Media 2017, referido acima, ainda preferem o aparelho comum, 14% no celular e 4% em computador.

Ademais, no que concerne à produção final desta pesquisa jornalística, a peça de rádio sobre a fundação da Academia Sergipana de Contadores de Histórias (ASCH), além das congruências em relação à oralidade dos contadores e do rádio e a busca recente, não apenas pela juventude, destaca-se a preocupação dos oralistas pela elaboração do aporte do texto verbal-escrito.

Tanto a radiofonia quanto a contação se amparam em um suporte escrito. Sendo assim, o que Silva (1999) afirma sobre a linguagem radiofônica facilmente se aplica à contação de histórias, a saber,

[...] ambas não são exclusivamente verbal-oral, mas resultado de uma semiose de elementos sonoros (trilha, efeito, ruído e silêncio) que perdem sua unidade ao serem inseridos em um meio acústico coordenado pelo tempo para comporem um todo, que é a obra radiofônica. (SILVA, 1999, p. 18).

Dito acima, bastava substituir a última expressão e afirmar 'que é a obra contada'. A autora ainda destaca o fato de a voz ter invadido a letra e, portanto, fornecer, tanto à linguagem quanto ao comunicador, maiores condições 'des-verbalizar' a palavra oralizada, romper sua linearidade e referencialidade aos símbolos escritos.

³ Disponível em: <<https://www.kantaribopemedia.com/book-de-radio-4a-edicao/>> Acesso em: 02 Set. 2018.

Entretanto os símbolos imaginários de referência ao que se ouve seguem com liberdade na mente do ouvinte, que cria as suas impressões por intuição e reconstrói as cenas, as personagens, as falas, as ideias do que lhes apresentam os locutores. A sonoplastia se alia à criatividade de ambos, produtores e espectadores, e recria as tramas que redigem a paisagem sonora.

Não se pode negar que a voz acresce ao texto escrito algo de novo “chegando muitas vezes a fazer com que o texto signifique mais do diz” (ZUMTHOR, 1985, p. 7 apud SILVA, 1999, p 18). A oralidade ainda lembra os poetas, dramaturgos e ‘teólogos’ trovadores da antiguidade, desde os xamãs pré-históricos que se valiam da memória e da criatividade imaginativa para a desenvoltura de sua comunicação. Essa herança não se perdeu.

Inclusive, Silva (1996) toma a radiofonia enquanto “resultado de uma multiplicidade de oralidades e vozes” (SILVA, 1996, p. 19) para realizar um paralelo entre a sua linguagem, as técnicas de elaboração dos textos orais e as performances dos intérpretes da poesia medieval nas comunidades de oralidade primária, nas quais, salvo as religiões, não contava com os signos escrito para perpetuarem seus patrimônios culturais.

A autora acima destaca que a sonoplastia radiofônica, tem sua base nas formas sonoras criadas pelos intérpretes do medievo quando, através de seus gestos, colorido, texturas vocais e retórica, construíam o cenário acústico, os personagens e suas ações, a fim de seduzir, envolver, encantar e persuadir o radiouvinte.

Considere-se que a oralidade está na ordem da comunicação desde os primeiros sons guturais e só perderá sua exclusividade social, enquanto criação de comunidades, após o texto verbal-escrito conquistar a sua massiva difusão. Em termos de periodicidade, poder-se-ia assinalar como algo recente e já novamente dividindo espaço com o texto imagético-falado.

Todavia, mesmo com a larga difusão do livro, segundo Briggs e Burke (2006), não foi de imediato que a prensa de tipos móveis de Gutemberg conquistou a autonomia da escrita. De início, conservando a tradição dos manuscritos, as leituras a uma voz, assim como os coros, eram realizados a uma plateia; num dado momento se evidenciou a leitura individual e silenciosa, mas não tardou a inspirar as discussões dos grandes salões ingleses e franceses de toda a Idade Moderna.

necessidade de fixar-se frente ao aparelho receptor, assim como de público e horários de audiência diversificados; é a mídia da instantaneidade, pois é um meio preponderantemente de comunicação imediata.

Por sua vez, Meditsch (1999) amplia a compreensão da linguagem radiofônica, inclusive como um melhoramento da linguagem escrita a partir de uma nova tecnologia, vez que o imbricamento dos processos de significação torna-se cada vez mais complexo na mescla entre palavras, músicas, ruídos e efeitos sonoros.

Como foi dito no capítulo anterior, tanto a oralidade foi se adaptando às novas invenções dos signos da escrita quanto as palavras também tiveram que se adaptar ao rádio informativo (MEDITSCH, 1999). Se, de início, o jornalismo escrito adentrou ao estúdio de rádio, também a sua transmissão – da informação – passou por uma transformação sonoplástica, som e pensamento viram verbo na escrita e texto vira sonoridade no microfone do rádio. Não se trata apenas de som ou de leitura, mas da constituição de uma semântica e interpretação cuja gramática ordena outra classificação e funções em seus elementos.

Esta semântica e interpretação refere-se às possibilidade de reconstrução do texto oralizado, a qual também se pode chamar de paisagem sonorizada, vez que sua visualização mental se dá pelo eco na memória do reconhecimento e interpretação do que se está ouvindo, a saber, a estética da oralidade midiaticizada, sua percepção, que vai desde as figuras técnicas de construção até as impressões forjadas do conteúdo enunciado. Pois,

O som radiofônico não é uma cópia da realidade, mas sim o resultado de uma escritura. A significação informativa nasce da organização, combinação, mescla, filtragem, montagem, etc. que se faça dos componentes sonoros da informação. A informação lida de um teletipo que chega à emissora se associa na percepção, timbre, intensidade e duração da voz do locutor. A rádio envolve a informação em outros elementos de conotação inseparáveis (HERREROS *apud* MEDITSCH, 1999, p. 135)

Silva (1999) alegoriza a linguagem radiofônica no jogo e combate da conjugação entre a escrita e a voz, melhor, contínuos encontros entre signos verbais e sonoros, escritas, música e musicalidade, efeitos sonoros, silêncio e ruídos, em embates sintáticos próprios do rádio, resultando novas especificidades.

Eis que a construção de uma ideia no rádio se fundamenta na potencialidade e no caráter expressivo do som, anteriores à própria reflexão lógica, portanto há muito esquecido. Tais potencialidades são encontradas no ritmo, intensidade, timbre e no intervalo (silêncio) das pausas que materializam uma fala musicalizada (SILVA, 1999).

Do que foi dito acima depende a ideia (imagem) construída a partir de sons (textos sonorizados), do que decorre uma ‘imagem sonora’. Do conjunto disso, como em um texto audível, igualmente formam-se paisagens sonoras na audiência do rádio, a visualização mental (imaginação), resultado das percepções das representações sensoriais da audição e das impressões pessoais.

Dada a sua transmissão em tempo real, o discurso no rádio, especificamente nos programas de radiojornalismo, apresenta distinções da linguagem radiofônica. Para Medisch (1999)

Diferente do discurso fonográfico, o discurso do rádio só se efetiva em tempo real. O funcionamento da dimensão temporal na situação comunicativa criada pelo rádio escapa normalmente às definições de sua linguagem, e é apenas parcialmente alcançada na descrição da estrutura de seu discurso. No radiojornalismo, cruzam-se as variáveis temporais inerentes à linguagem auditiva invisual, ao modo eletrônico de enunciação e também ao gênero jornalístico. A delimitação da especificidade do discurso do rádio informativo passa necessariamente pelo desvendamento deste sistema temporal complexo (MEDISCH, 1999, p. 142).

O rádio é um meio de transmissão no presente individual do ouvinte, igualmente do meio social e temporal em que estão inseridos tanto emissor quanto receptor (BAUMWORCEL, 2005), fato que influi na sua credibilidade. Acrescente-se a isso o fato de, no rádio, a palavra, a voz, e a sonoplastia se adaptarem “para entreter, informar e persuadir um receptor cada vez mais dinâmico” (SILVA, 1999, p. 50).

Logo, é imperativo ter em mente que a informação jornalística no rádio recorre a imagens mentais construídas com labor apropriado da ampliação da semântica verbal numa sonorização que desperte no ouvinte a construções mentais signicas em suporte à sua carência visual.

3.2. Relevância da semiótica radiofônica

A linguagem radiofônica não se caracteriza apenas a partir de elementos da comunicação verbal, mas reproduz os sons da realidade material e similitudes que relembrem o ouvinte e o reinsiram no ambiente propício para a compreensão e interpretação da mensagem. Eis porque a sua estrutura informativa se compõe de dois objetivos distintos: a criação do mundo das imagens mentais e a recriação do mundo real.

Considere-se que as estratégias de produção e edição no rádio lançam mão da recursos epistêmicos e semânticos etiológicos que, quanto mais comumente reconhecíveis de decifração do seu significado, mais eficaz será a relação entre emissor e receptor (BALSEBRE, 2005). Quanto a isso vale lembrar-se de que o locutor fala ao ouvinte com intimidade.

No jogo da oralidade e da escrita, quanto a reelaboração das técnicas da tradição oral na composição do texto radiofônico, Silva (1999, p. 51) destaca o ritmo dos textos. Para esse autor “A oralidade como código é constituída de signos que criam a sua própria sintaxe e tem na exploração do tempo pelo “recurso” para perpetuar seus conhecimentos na memória de seus ouvintes”. Para tanto, vale-se das técnicas de memorização por fórmulas repetidas constantemente que assegurem a assimilação do conhecimento, sem descuidar a sua coordenação, a fim de dar vida às sentenças por meio da fluidez e ritmo dos textos.

Além do recurso verbal-escrito acima destacado, ressalta-se a evolução tecnológica que, segundo Balsebre (2005), cria artifícios determinantes e influenciadores da codificação das mensagens ao inventar ambientes artificiais, a fim de convencerem a percepção e a imaginação de determinada realidade sonora. Segue o autor ao afirmar:

Com o desenvolvimento tecnológico da reprodução sonora; a profissionalização dos roteiristas, montadores, realizadores e locutores; a adaptação ao novo contexto perceptivo imaginativo, que determinava uma maneira distinta de escutar o som, e, também, com o pleno convencimento que a mensagem sonora do rádio poderia transformar e tergiversar a expressão da natureza, principalmente através da ficção dramática, criando novas paisagens sonoras, nasceram rapidamente novos códigos, novos repertórios de possibilidades para produzir enunciados significantes (BALSEBRE, 2005, p. 328).

Tais condicionamentos reelaboram a notícia e assinam, na ilha de edição ou no laboratório de rádio, o teor e a conclusão a qual o estúdio, aparentemente

imparcial, quer dar, melhor, determinar a percepção final da mensagem. Logo, o sistema semiótico radiofônico, composto pela linguagem e seus elementos formadores, a saber, palavra, música, efeitos sonoros, silêncio, não descarta das tecnologias que criam ambientes a partir da necessidade de cada tipo de transmissão (BALSEBRE, 2005).

Ainda no aspecto do jogo da oralidade e da escrita, Silva (1999) também destaca a performance do locutor ou intérprete ao denunciar a plasticidade da palavra oralizada mediatizada, do que exige a participação do corpo, como um todo, na produção da voz (enquanto som) e da fala (posicionamento pessoal e individual daquele que se expressa). Segundo a autora,

Ao se elaborar um texto para ser oralizado, ou seja, que conte com a intervenção da voz, de antemão devemos ter em mente que, ao final, teremos “algo” diferente do que foi elaborado a partir da escrita. Até mesmo um texto que em princípio não é pensado para em termos de oralidade, ao ser vocalizado adquire materialidade e, portanto, identidade diferente. (SILVA, 1999, p. 54)

Assim, tem-se claro que conforme o princípio mcluhiano de que o meio é a mensagem, e não apenas o seu conteúdo, a mensagem, incorpora um caráter significativo, latente de um significado que emana de sua própria natureza de *médium*.

De igual modo, jogo e performance, paradigmas, segundo Lyotard (1991), de que a formação do homem se dá nas suas imbricadas relações e contínuos lances uns sobre os outros. Esse autor esclarece ser na ação das coisas, em seus atos performáticos, que se dão as suas assimilações e incorporações, suas transformações em novas pessoas e ideias, como em um bilhar em que as esferas se chocam e mudam de posição para a continuidade do jogo.

A estética na linguagem radiofônica, portanto, é gestada a partir da locução interpretativa do texto, gramaticalmente correta, e das técnicas cuidadosas nos efeitos sonoros, cuja função fática no processo comunicativo reforça a expressiva conexão com o simbólico e o conotativo. Inclusive,

Alguns programas demonstram o poder mágico de sedução do rádio. São programas que utilizam a mensagem radiofônica de forma integral, codificando a expressão sonora com todos os recursos possíveis e integrando na mesma mensagem o semântico e o estético. Identificamos o documentário, a reportagem especial, a paisagem sonora, formatos pouco explorados, porém ainda

existentes em algumas poucas emissoras do Brasil (BAUMWORCEL, 2005, p. 343)

Aqui reitera-se que os elementos constituintes da linguagem radiofônica são utilizados tanto no radiojornalismo quanto na contação de histórias, mesmo não transmitidas pelo meio eletrônico em questão. Embora utilizem dos mesmos recursos, o primeiro os emprega em função da realidade referencial e o segundo, da ficção. Não obstante sejam gêneros diferentes de discursos sonoros, ambos objetivam meios pedagógicos de instrução, informação e desenvolvimento da racionalidade humana, assim como da sua instrução, quiçá desperte um comprometimento altruísta que responda à questão: 'saber para quê?'

3.3. Elementos da linguagem radiofônica

Apresenta-se nesta subseção apenas aqueles elementos da linguagem radiofônica utilizados na construção do roteiro proposto neste trabalho.

O caráter verbo-voco-sonoplástico, desde as comunidades de oralidade primária está alinhado com a performance dos intérpretes. Para Silva (1999), tal caráter se junta aos demais elementos da cena que tem a função de apresentar fatos das narrativas.

Neste processo, voz, gestos, cenários, elementos visuais e sonoros se amalgamavam para apresentar a obra. No rádio, por sua vez, nada que não seja voz participa; tudo que é emitido por suas ondas sonoras é resultado do combate verbo-voco-sonoplástico no qual texto e voz se entrelaçam simultaneamente com outros signos também sonoros. (SILVA, 1999, 71)

Logo, a linguagem radiofônica não é apenas verbal-oral, vez que a palavra escrita, a músicas, os efeitos sonoros, o silêncio, inclusive os ruídos,

são incorporados em uma sintaxe singular ao próprio rádio, adquirindo nova especificidade, ou seja, estes elementos perdem sua unidade conceitual à medida que são combinados entre si a fim de compor uma obra essencialmente sonora com o "poder" de sugerir imagens auditivas ao imaginário do ouvinte. (SILVA, 1999, 72)

Os elementos elencados a seguir caracterizam a linguagem radiofônica e servem de recurso de significação e montagem do documentário radiofônico roteirizado no Apêndice A.

a) A palavra

Mesmo na Era da Revolução digital e das novas tecnologias, o rádio permanece, potencialmente, um meio no qual palavra, voz e sonoplastia se integram e se adaptam para alcançar, entreter, informar e persuadir um receptor cada vez mais dinâmico.

Ademais, enquanto oralidade mediatizada, o texto escrito radiofônico está organizado sintaticamente com características do texto oral, “abrindo possibilidades de exploração singulares em relação aos demais veículos, ao mesmo tempo em que convive com o sistema da escrita” (SILVA, 1999, p. 50). Esse fato revela que o rádio é resultado de inúmeras oralidades.

A palavra seria um meio quase exclusivo da comunicação e da compreensão cotidiana, não obstante a imersão cada vez maior da humanidade na linguagem visual.

Mesmo o mundo auditivo da linguagem oral, no rádio, faz-se uso predominantemente de palavras. Apesar disto, Balsebre (2005) ressalta que, em relação ao rádio, a palavra se torna mais complexa em face de seu caráter artificial, de construção técnica, a fim de se conquistar todo o seu potencial comunicativo.

É na integração entre texto escrito e improvisação verbal que a palavra ganha, na sua produção radiofônica, e não somente nela, ‘cores’ do som: intensidade, volume, intervalo e ritmo (BALSEBRE, 2005). Algo de fundamental importância na relação de intimidade entre locutor e ouvinte e de proximidade entre o ouvinte e sua memória imaginativa.

Não se pode descurar a distância mental do pensamento de quem discursa e de quem o escuta. É a percepção do ouvinte que delimita o espaço e a experiência do “real”, neste sentido, e dá sentido à sua empatia. Pois

As vogais têm o poder de colorir a voz. As consoantes projetam as vogais e dão conteúdo. Se as vogais são os sons musicais da palavra, dando forma e cor a nossa voz, as consoantes são seu significado. E na construção da mensagem, clareza e sonoridade são essenciais. O som da palavra define-se acusticamente pelo timbre, tom e intensidade e a cor da palavra é a dimensão resultante da inter-relação destes três elementos no âmbito perceptível. O som agudo excitará no ouvinte uma imagem auditiva luminosa e clara, o grave, mais obscura. A cor da palavra conota também relações espaciais. (BALSEBRE, 2005, 331)

Eis porque o locutor precisa dar inflexão à voz, luz, cor, ritmo, para que a transmissão da mensagem não seja em reto tom e não fique maçante. A principal atitude do locutor é ler antecipadamente e familiarizar-se com as palavras, entender o que está lendo. O locutor que não compreende bem o sentido de um texto ou ideia que ele próprio leu não pode esperar que a sua locução seja entendida pelos seus ouvintes.

b) A música

Talvez se pense que a música esteja apenas para ilustrar as peças no rádio, dar brilho à locução, ignore-se a sua função crítica e não se atente ao seu papel principal de apoiar a palavra em potencializa-la na construção da imagem sonora. Isso lhe serve mais como interpretação do que mera ilustração, inclusive de comentário e tipificação.

Um drama não é comunicado com uma música festiva, nem uma festa se anuncia com tons fúnebres. A escolha de uma música está vinculada a diferentes objetivos e funções comunicativas.

Desde que o rádio é um meio exclusivamente sonoro, inclusive considerado por Silva como “uma arte acústica cujo trabalho consiste em representar o mundo para o ouvido” (SILVA, 1999, p. 78), a música vem ser um dos elementos mais expressivos, senão a matéria-prima básica a ser aplicada tanto na performance do locutor quanto nos efeitos sonoros.

Silva (1999), traz algumas funções da música, enquanto trilha sonora no rádio e de acordo com o tipo de programa no qual é empregada, as quais destacamos abaixo, cujas finalidades, em geral são complementar, intensificar, estruturar e, até mesmo, desenhar ou modificar situações psíquicas dos processos de ação dramática falada, quando a dinâmica, o tempo e o ritmo, apoiam, preparam, sublinham ou intensificam o diálogo entre o emissor e o receptor. São funções da música, no rádio:

- a) **Função gramatical:** quando é utilizada no radiojornalismo como signo de pontuação na estrutura de um roteiro, ou seja, para identificar os diversos momentos do programa.
- b) **Função fática:** é quando trechos de música com frase musical mais breve são utilizados para separar parágrafos de um mesmo texto, ou com frase musical mais longa para passar de um assunto para outro.

- c) **Função descritiva:** Tem como objetivo situar o ouvinte no ambiente da ação, tanto espacial (um país determinado, um campo, um centro urbano, uma favela) quanto temporal (a época de Napoleão, Júlio César) no qual transcorre a ação, caracterizando ou descrevendo os personagens (suspense, paixão, aventura). São músicas regionais ou de época, por exemplo que também servem para criar identidade com os ouvintes.
- d) **Função expressiva:** Pretende suscitar uma atmosfera emocional, caracterizar um personagem, ou criar o ambiente peculiar apropriado para provocar no ouvinte determinadas emoções.
- e) **Função de difusão cultural:** Quando é utilizada para apresentar a diversidade de ritmos e intérpretes, melhor, apresenta ao ouvinte uma coletânea que lhe faz descobrir novas oportunidades, a exemplo de “as 10 mais ouvidas” ou uma sinfonia completa de algum compositor.

Quanto à funcionalidade e aos objetivos de uma trilha sonora, há de se considerar o paralelismo como a tendência da organização e montagem dos elementos da linguagem radiofônica, ou melhor, os elementos da sonoplastia ocorrem simultâneos à performance do locutor, entretanto, jamais se justapõe ou se entrecruzam. São elementos tecnicamente independentes, mas que se confirmam.

Conforme Silva (1999), tal montagem – roteiro – “Trata-se de uma estruturação dominada pela continuidade/linearidade e pela contiguidade”. (SILVA, 1999, p. 80). O que a leva a citar Klippert para “condenar enfaticamente a utilização da trilha sonora como um fundo sonoro ilustrativo, do ruído apenas com função referencial e da palavra vocalizada como um meio e não um fim [...]”. (KLIPPERT apud SILVA, 1999, p. 81). Por fim, a autora salienta que

Quando sonoplastia e texto entram em equivalência, um traço da materialidade da palavra é emprestada à sonoplastia e vice-versa. Trata-se da transmutação do verbal em sonoplastia (efeito sonoro e trilha) e da sonoplastia em verbal num processo de equivalência, justaposição dos sentidos em que paralelismo e simultaneidade se equilibram. (SILVA, 1999, p. 81).

Ademais, a música é considerada a imagem do rádio (BALSEBRE, 2005), pois, assim como a palavra, a música está impregnada de figuras linguísticas que devem orientar a sua aplicação. Por ser a linguagem da emoção (BALSEBRE, 2005), a música expressa uma relação de afetividade com o ouvinte.

Destarte, da escolha até a aplicação de uma música, numa peça radiofônica, a música deve ser pensada a partir da função que se pretende, seja como pano ou componente da grade de programação, deve se ter em mente critérios correspondentes às reações que se pretende do ouvinte.

c) Efeitos sonoros

Contra a monotonia da exclusividade sonora, a exploração de apenas um dos sentidos na percepção, o rádio recorre ao seu poder sugestivo extra-sensorial “que é acentuado à medida que se exploram os seus elementos com vistas a alimentar a imaginação do ouvinte com uma proposta variada de imagens auditivas”. (SILVA, 1999, p. 75). Para Silva,

A inclusão de ruídos (efeitos sonoros) em uma obra radiofônica tem como tendência o objetivo de provocar a associação do ouvinte com o objeto sonoramente representado. Como a função geralmente está determinada pelo sentido, pode-se afirmar que existem tendências, cada uma delas produto da função de sentido determinado pelo objeto que sonoramente se quer representar. (SILVA, 1999, p. 75).

Eis porque quando se quer criar no ouvinte a impressão de um ambiente movimentado por veículos, a sonoplastia lança mão de ruídos que compõem essa paisagem sonora do trânsito como carro e motos, buzinas, motores etc., os quais acessam a memória do ouvinte e o introduzem no cenário. Tais condicionamentos são também são experimentados ao identificar certas programações a partir de suas vinhetas e aberturas, a exemplo daquelas televisivas do Jornal Nacional, Globo Repórter e do Plantão da Globo.

A função principal de um ruído que compõe a paisagem sonora, o cenário acústico, é possibilitar ao ouvinte o reconhecimento dos objetos produtores daqueles sons e pensa-los intuitiva-espontânea-e-imediatamente, ou seja,

Geralmente este conjunto de ruídos articulados são trabalhados para ficarem em segundo plano, como "fundo sonoro", paralelamente à música e à performance do locutor, pois devido ao seu aspecto referencial, na maioria das vezes, os ruídos estão subordinados a intenções do texto oralizado e da música. (SILVA, 1999, p. 77)

Frente ao dito acima, a autora complementa com a observação de Klippert (1980 apud SILVA, 1999), de que "a transposição de pensamentos ou sentimentos

em sons não apenas pressupõe o sistema convencional da língua, mas também um ato criativo, o qual permite ao falante fazer uso ilimitado de meios limitados". (KLIPPERT, 1980, p. 75 apud SILVA, 1999, p. 77-78).

Ademais, o falante instiga ideias no ouvinte, bem como as sensações que delas decorrem. Decerto ilusões, todavia reais imaginações, vez que tanto as palavras quanto os sons apenas produzem imagens mentais dos acontecimentos que reproduzem. Assim, Silva (1999) esclarece: "A 'imagem sonora' surge na tela imaginativa do ouvinte como uma granulação fina, resultado de um processo perceptivo entre impressões pessoais e representações sensoriais sonoras apreendidas pela audição" (SILVA, 1999, p. 78).

Seguem abaixo algumas funções dos efeitos sonoros nas peças radiofônicas, sobretudo com base em Balsebre (2005):

- a) **Função ambiental:** Faz a referência espacial da cena; localiza a ação em determinado local (buzina=trânsito, sirene=delegacia ou hospital). Está vinculada a arquétipos referenciais com os quais o ouvinte se sente informado do local de uma ação ou supõe outras ideias por intuição associativa, buzina=acidente de trânsito, sirene=assalto.
- b) **Função expressiva:** é quando, a partir da função acima, também é capaz de despertar algum tipo de sentimento, como alegria, tristeza etc, a depender da condução da narrativa do fato noticioso.
- c) **Função narrativa:** quando o efeito sonoro é utilizado para criar uma conexão dentro das cenas narradas, como o cantar do galo para anunciar o dia etc.
- d) **Função ornamental:** este efeito sonoro é utilizado apenas com fins estéticos. Utiliza-se quando se quer harmonizar o conjunto do roteiro ou da programação, assim como fortalecer o engajamento afetivo do ouvinte pela produção de imagens mentais.
- e) **Função de pontuação:** sobretudo no radiojornalismo, é utilizado através de vinhetas e cortinas, a fim de separar as notícias e sistematizar a produção em um noticiário.

d) Silêncio

A vida contemporânea, não raro, se mostra uma cotidianidade sonorizada, ou melhor, barulhenta. Nos grandes centros comerciais o barulho passa despercebido e o silêncio se instala nas residências sem movimento. Das primeiras

coisas que o cidadão faz ao retornar à sua casa é produzir algum som. Seja pelo diálogo, seja pelas mídias de comunicação, até mesmo no trânsito o pedestre uso do fone de ouvidos indicando alguma audição.

Estamos o tempo todo querendo ouvir algo para deixar de ouvir aquilo que não queremos ou para não ouvirmos o silêncio que prova a temida solidão, não obstante a paisagem sonora pós-industrial do mundo contemporâneo.

Por não se habituar ao silêncio, o homem moderno o considera uma ausência, uma lacuna, a falta de algo, frente a dinâmica da vida. Assim, Silva (1999) destaca que o rádio também tem um “aspecto dinâmico que deve predominar nas emissões radiofônicas que se desenvolvem sob o signo da continuidade”. (SILVA, 1999, p. 73). No entanto, a pausa e a respiração são fundamentais na compreensão e na criação de sentido, vez que

O uso do silêncio, quando contextualizado dentro de uma estrutura sintática, tem a possibilidade de adquirir significados que, por sua vez, podem realçar a importância da continuidade sonora, ou podem atuar como um signo, ou seja, representar um mistério, uma dúvida, a morte, a expectativa. (Silva, 1999, p. 73-74)

O silêncio no rádio precisa estar inserido num contexto. Do contrário, pode ser interpretado como um ruído, uma falha, e ser tomado pelo receptor interpretante como uma interferência indesejável no canal, distraindo e até destruindo a mensagem que se pretendia ouvir.

Mas nem tudo no rádio é palavra, música, som ou ruído. O silêncio mesmo, a ausência de som, é, linguisticamente, necessário para intervalar e delimitar as palavras, seus sentidos, períodos e suas conexões. Sem intervalos de respiração as palavras seriam incompreensíveis e impronunciáveis. Isso posto, no radiojornalismo o silêncio surge como

[...] um elemento distanciador que proporciona a reflexão e contribui para o ouvinte adotar uma atitude ativa em sua interpretação da mensagem. Mas não se deve esquecer que se a atenção cessa depois de 6 a 10 segundos de duração constante de uma mesma forma sonora, sucede o mesmo quando se trata de uma forma não sonora. Ou seja, a partir de uma determinada duração o silêncio atua negativamente no processo comunicativo (BALSEBRE, 2005, p. 334).

Dito acima, o silêncio também precisa ser analisado do ponto de vista do receptor, conforme Baumworcel (2005), quando produz suas próprias construções mentais, ilusões, ideias e imagens sonoras, a partir da dramaturgia do emissor, no silêncio da intimidade do seu pensamento enquanto ouvinte particular.

e) A montagem

Se os elementos acima são fundamentais, isso se deve à sua composição num conjunto harmonioso e sistêmico, como uma gramática, de sequência lógica simples e compreensível.

A montagem diz respeito à edição do roteiro, peça escrita a ser seguida a fim de dar ordem e continuidade aos elementos destacados. Ainda mais

A montagem radiofônica “deforma” (ao colocar eco, ao cortar, colar e alterar as seqüências de uma mesma sonora, etc.) justamente para reproduzir melhor a realidade radiofônica. A recriação da realidade conserva seus contornos sonoros, mas constrói ao mesmo tempo uma realidade distinta da materialmente real, alterando as dimensões espaciais e reais (BALSEBRE, 2005, p. 334).

O roteiro é o script de uma narrativa que se pretende ser contada, ainda mais, absorvida, entendida e aceita. A montagem é peça essencial e oportuna para a criatividade e intenção expressiva do produtor e demais autores da mensagem.

Do que foi dito até aqui, destaca-se que a linguagem radiofônica não se trata de elementos isolados e flutuantes numa narrativa multifacetada, mas na inter-relação entre esses mesmo elementos a se complementarem, apesar de exercerem funções diversas de acordo com a finalidade de cada um.

Uma montagem bem elaborada resulta num roteiro que serve como via de percurso ou argola da corrente que prende a atenção do ouvinte na ilusão de um único movimento em diversas ações. Inclusive, disso depende o nexos ou a união entre as seqüências, dramaturgia da realidade (BALSEBRE, 2005). Vez que

O som radiofônico não é uma cópia da realidade, mas sim o resultado de uma escritura. A significação informativa nasce da organização, combinação, filtragem e montagem que se faça dos componentes sonoros da informação (HERREROS apud MEDITSCH, 2005, p. 340).

Eis porque a edição visa ao ouvinte. Em seu turno, Barbeiro e Lima (2001) afirmam que a edição é o filtro do produto radiojornalístico, executada de forma enxuta e rica em conteúdo e didáticas.

Por fim, ainda podemos considerar que Meditsch (2005) baseia a produção de um roteiro radiofônico na linguagem própria do rádio, a partir de uma teoria mais histórica e clássica fundada em Brecht e McLuhan. Meditsch e Zucolotto (2008), fundamentam teorias mais voltadas à prática do jornalismo pelo rádio, como o ensino pelo rádio, de Roquete-pinto e clássicos com Walter Benjamin ou a Radio Radical, a Nova Paisagem Sonora e a criatividade no contexto do rádio atual. Por sua vez, José (2015) orienta a construção do roteiro para a peça padrão, reportagem e documentário radiofônico, roteirizada no Anexo A.

Deduz-se dos autores acima que as teorias aqui levantadas, tanto do radiojornalismo quanto da contação de histórias, reforçam a ideia de que se tratam de uma linguagem comum sob os aspectos da oralidade e, por isto, tem muito o que contribuir mutuamente.

Isso toca essencialmente a produção do documentário jornalístico, objeto desta pesquisa, no qual se integram os elementos da linguagem radiofônica, acima citados, de forma orgânica e sistemática, a fim de despertar a percepção do ouvinte e proporcionar-lhe como que uma vivência 'real' daquilo que é apresentado, inclusive desperte sentimentos de apreço e envolvimento positivo que justifiquem a importância jornalística do presente documentário.

4 A PEQUENA HISTÓRIA DA ACADEMIA SERGIPANA DE CONTADORES DE HISTÓRIAS

A palavra que abre o título desta contação remonta apenas a questões quantitativas, jamais aos aspectos qualitativos e extensivos dos feitos de um pequeno grupo que, em Sergipe, viu suas iniciativas pessoais se somarem inesperadamente aos projetos dos seus colegas.

A história que se conta nesta peça tem vários começos para cada uma das personagens que aqui se enredam e revelam um protagonismo próprio, elucidador do papel individual e fundamental no conjunto das ações que culminaram na fundação da Academia Sergipana de Contadores de Histórias (ASCH).

A contação desta história – e quem conta um conto ‘aumenta’ um ponto – escolheu um marco inicial dentre os diversos relatos coletados. Constam aqui diversas entrevistas ao autor, as quais colecionam o mosaico que ora se remonta, a partir da professora Fátima Colares, do auditor aposentado Antenor Aguiar, do jornalista e acadêmico Domingos Pascoal, da bibliotecária Cláudia Stocker e da professora Aglacy Silva.

É mister considerar a ulterior escuta atenta daquelas entrevistas ao autor, nas quais cada personagem acima conta a história de parte de sua vida, um recorte, um pequeno detalhe que figura uma pedra de localização no mapa da contação sergipana de histórias.

Conforme levantamento junto às fontes entrevistadas, tudo começou há aproximadamente 14 anos, quando um grupo de estudantes, já adultos, mas igual a todos os alunos, repletos de sonhos e com a coragem de mudar o mundo, decidiu estudar o Curso de Contação de Histórias, no Serviço Nacional da Aprendizagem Comercial – Unidade Senac de Aracaju-SE, lá pelos idos de 2004.

Alguns daqueles estudantes já eram profissionais aposentados, outros eram professores e outros queriam mais experiência para iniciar ou melhorar sua atuação em sala de aula. A professora Fátima Colares, por exemplo, já trabalhava em escola desde 1979, antes de vir de Minas Gerais a Sergipe; igualmente, o auditor aposentado, Antenor Aguiar prometera a si mesmo, após a aposentadoria, fazer algum trabalho voluntário nos hospitais.

Segundo a professora Fátima Colares⁵, foi o auditor aposentado, ‘Seu Antenor’, como carinhosamente é chamado pelo grupo de contadores, quem provocou os demais colegas ao ser questionado pelo professor sobre o porquê estava fazendo aquele curso. Antenor afirmou diante de todos que estava ali para aprender a contar histórias nos hospitais. Os colegas se interessaram pela dedicação de Antenor, inclusive a professora Fátima se reconheceu naquela iniciativa.

Frente a admiração e simpatia da turma, o professor decidiu que a avaliação da disciplina seria um relato de como foi aquela experiência. Todavia, embora começar pelos hospitais fosse a intenção original, uma das colegas demonstrou seu receio e insegurança para ir a hospitais. Assim, condicionou sua participação à troca pelas creches, ao que todos concordaram.

Terminada aquela experiência, diante da repercussão e expressão das crianças, como afirma Antenor Aguiar⁶, decidiram criar o Grupo de Prosa e Arte (PROSARTE), de contadores de histórias. A Professora Fátima confirma que desse curso surgiu o primeiro grupo de contadores de histórias de Sergipe, fundado por ela, Antenor, Telma, Adilma, Márcia, colegas que também ingressariam na ASCH.

O PROSARTE foi fundado no dia 29 de março de 2004 e atua voluntariamente até os dias atuais. Dois anos mais tarde, em agosto de 2006, Fátima decide desligar-se do PROSARTE para também criar o Grupo História e Arte Numa Narrativa Alegre e Harmônica (HANNAH), junto a outras cinco colegas que faziam o trabalho de forma remunerada, a fim de atender a uma demanda de que não estavam mais dando conta. As escolas e outras instituições começavam a convidar e contratar contadores de histórias, que passaram a dedicar-se exclusivamente a essa ocupação.

Até aqui, nesta pequena história da contação sergipana, primeiramente se destaca a convivência de dois grupos: o PROSARTE e o HANNAH. Antes disso, ao menos dentre os contadores entrevistados, não se tem notícia da sua presença e atuação no cenário sergipano, ao menos não enquanto grupo organizado de contadores.

⁵ As referências que ora seguem das falas da professora Fátima Colares são fruto de entrevista cedida em sua residência, ao autor, no dia 15 de outubro de 2018.

⁶ As referências que ora seguem do auditor aposentado, Antenor Aguiar, são fruto de entrevista cedida em sua residência, ao autor, no dia 15 de outubro de 2018.

Outro depoimento que corrobora as iniciativas acima é dado pela bibliotecária Cláudia Stocker⁷. Segundo a bibliotecária, durante toda a sua graduação em biblioteconomia – concluída em 1999 – nunca tinha ouvido falar em contação de história, embora tivesse cursado uma disciplina de literatura infantil.

Cláudia afirma ainda que somente conheceu a contação de histórias quando foi trabalhar na Biblioteca Pública Epifânio Dória, em 2006, pois, na ocasião, a biblioteca já fazia alguns trabalhos com os contadores Antenor Aguiar e Telma Costa, dentre outros do PROSARTE.

Em seu turno, a bibliotecária Cláudia testemunha ainda que, após conhecer Antenor e a contação de histórias, percebeu o potencial daquela ação junto às crianças e sentiu a necessidade de criar eventos que promovessem a contação ao público em geral, a exemplo do seu primeiro projeto na Biblioteca, chamado ‘1, 2, 3, era uma vez’; focando na contação de história, o que posteriormente a inspirou na criação dos Encontros Sergipanos de Contadores.

Todavia não só a Biblioteca Pública Epifânio Dória (BPED) já fazia algum trabalho com os contadores sergipanos, mas também a Nossa Escola, da professora Aglacy Silva⁸, que desde 1995 promove as Feiras do Livro, onde se contam histórias. Somente em outubro de 2006 as Feiras do Livro – a 11ª edição na Nossa Escola – entram em parceria com o Governo do Estado para compartilhar tal evento, que ocorre na AMA, Galeria de Arte de Aracaju-SE, visto tomar proporções sociais que não se restringiriam mais numa escola particular.

Muitas histórias se cruzaram, as iniciativas da Nossa Escola, dos grupos PROSARTE e HANNAH e da Biblioteca Pública Epifânio Dória. Todos corroboraram com a integralização de forças tanto institucionais quanto particulares. De modo que a Nossa Escola⁹, em particular, demonstra as ações paralelas de contadores que não ficariam isoladas, mas se juntariam por força do destino, ou não, em desbravar a trilha que leva à criação da Academia Sergipana de Contadores de História.

Ainda sobre as Feiras do Livro, enquanto diretora da Nossa Escola, a professora Aglacy trouxe a Sergipe vários contadores de projeção nacional e

⁷ As referências que ora seguem das falas da bibliotecária Cláudia Stocker são fruto de entrevista cedida ao autor, no dia 17 de outubro de 2018, no Centro de Criatividade de Aracaju-SE, onde funcionam, temporariamente, a Biblioteca Pública Epifânio Dória (BPED) e Biblioteca Infantil Aglaé Fontes de Alencar (BIAFA).

⁸ As referências que ora seguem das falas da professora Aglacy Silva são fruto de entrevista cedida ao autor, na Nossa Escola, no dia 24 de outubro de 2018.

⁹ A Nossa Escola é uma instituição de ensino particular, fundada em 1990, com atuação da educação infantil ao ensino médio, em duas unidades, localizadas no Bairro Cora do Meio, em Aracaju-SE.

internacional, como Arnaldo Reis, Nícia Grillo, Regina Machado e a africana Inno Sorsy, a fim de repensar a sua proposta de ensino. Essas feiras tomaram proporções públicas, o que oportunizou a sua transferência à Biblioteca Pública Epifânio Dória e Infantil, na sua segunda edição estadual, em 2007, a pedido do então Secretário de Cultura, Prof. Luiz Alberto, da ex-diretora da biblioteca Aglaé D'Avila Fontes de Alencar, esta última, grande entusiasta da contação e palestrante nessa edição da Feira do Livro.

Tanto a Bibliotecária Cláudia quanto a professora Aglacy testificam que as feiras do livro inspiraram a criação do primeiro Encontro Sergipano de Contadores de Histórias, aos 18 de março de 2009.

Para a bibliotecária Cláudia, os Encontros Sergipanos de contadores fazem mais do que congregar, são momentos de formação, de experimentação, de debates e discussões. Cláudia comenta que um dos principais objetivos desses encontros é mapear em Sergipe os contadores de histórias que estão espalhados pelo Estado.

As Feira do Livro, os trabalhos de contação do PROSARTE e do HANNAH, assim como os Encontros Sergipanos de Contadores na biblioteca, são momentos de contação que contribuíram com a visibilidade dos contadores em Sergipe e, de certa forma, com a necessidade da criação da ASCH.

Todavia, vale destacar que, apesar de tantas ações dos contadores, nenhuma delas tinha a intenção de fundar uma Academia. Mas as peças do mosaico foram se colando com o tempo, e a pedra mestra vem com outra provocação ao aposentado que queria ser contador.

Antenor Aguiar relembra que recebera uma ligação dos amigos da Academia Sergipana de Letras, os Jornalistas e escritores Domingos Pascoal e Antônio Saracura. Esses acadêmicos militavam promovendo a fundação de academias de Letras pelo interior sergipano e, certa feita, Saracura sugere a Pascoal a ideia de motivarem Antenor quanto à fundação da ASCH.

O próprio Domingos Pascoal¹⁰ detalha que em viagem à cidade sergipana de Nossa Senhora da Glória, prontamente pediu a Saracura que telefonasse a Antenor e passou a persuadi-lo a empreender tal fundação. Ao que Antenor continua o desfecho daquelas insistências dos acadêmicos:

¹⁰ Em entrevista ao autor por meio da rede social WhatsApp, no dia 04 de novembro de 2018.

Num sábado, a convite de Patrícia, professora de Direito da Unit, ia contar umas histórias motivadoras pra que os alunos se propusessem a estudar e responder provas. Quando eu cheguei Isabel não tinha chegado. Logo depois chega Isabel e o marido, Ismael. – Isabel, Pascoal, Saracura, vivem me... cozinhando o meu juízo, no sentido de formar a Academia Sergipana de Contadores de Histórias. E eu vou encarar e quero você como a minha vice presidente. (Antenor Aguiar, em entrevista ao autor).

Desde a tomada de decisão em instalar a ASCH Antenor e Isabel, seguiram convidando outros contadores, até que, no dia 20 de dezembro de 2017, na Sala do Conselho Estadual de Cultura, com 17 sócios, foi fundada a Academia Sergipana de Contadores de Histórias.

Foto 1 – Reunião de fundação da ASCH, 20.12.2017



Fonte: Arquivo da ASCH

Mas ainda faltava a posse de seus primeiros membros e da equipe diretora. O que ocorreu com intensa preparação. No dia 15 de janeiro de 2018, aconteceu a primeira reunião da recém fundada ASCH, na Biblioteca Pública Epifânio Dória, com Antenor Aguiar, Cláudia Stoker, Cris Souza, Izabel Cristina, Luciano Góis, Fátima Colares, Adilma, Marcia, Rosa, Domingos Pascoal e Antônio Francisco de Jesus, o Saracura. Na ocasião a diretoria trabalhou no estatuto.

Ainda na mesma semana, no dia 20 de janeiro, reuniram-se novamente para validação do estatuto e escolhas das armas do brasão e definição da cerimônia de posse. Diversas reuniões ocorreram ainda até que no dia 20 de março, na Sociedade Semear, ocorreu a instalação da ASCH e tomaram posse na seus primeiros 16 membros acadêmicos. A equipe diretiva para a gestão de 2018 a 2020 está assim composta: Presidente fundador, José Antenor Aguiar; vice-presidente,

Izabel Cristina Melo dos Santos Pereira; secretária executiva, Fátima Beatriz Colares; diretora de comunicação, Cris Souza; diretora financeira, Cláudia Teresinha Stocker. Abaixo segue o Brasão de Armas da Academia.

Figura 1 – Brasão de Armas da ASCH



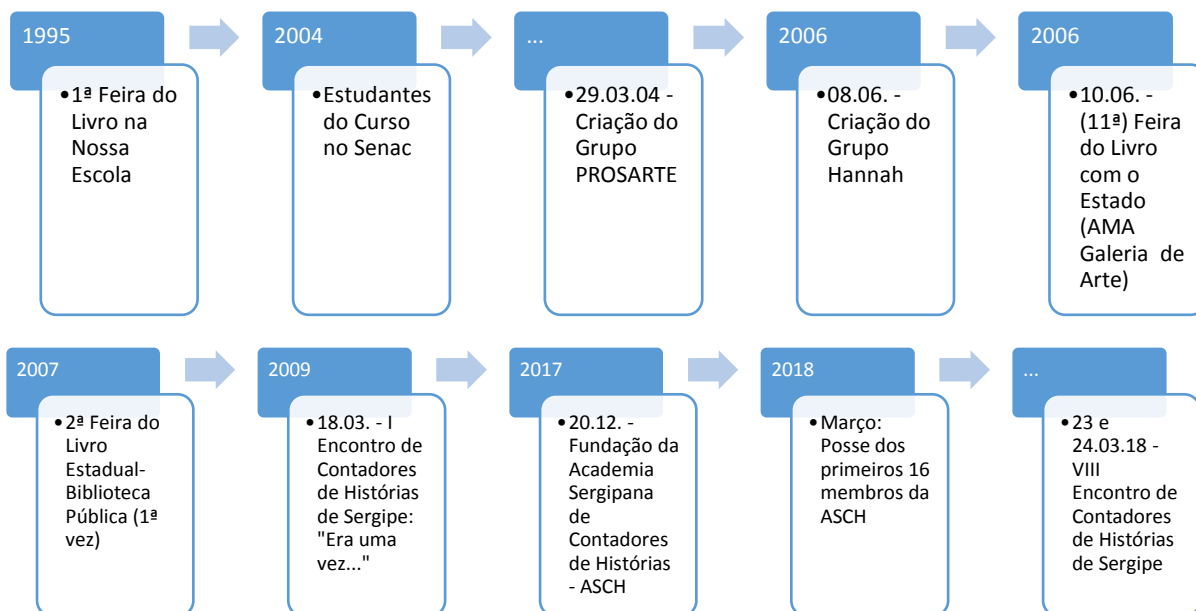
Fonte: Arquivo da ASCH

O criador do brasão acima, o advogado Ismael Pereira, explica, em entrevista ao autor, que a heráldica escolhida segue livremente o simbolismo que representa a identidade da ASCH, a saber: no lábaro aceso uma fagulha da explosão que deu origem ao universo e à criação, portanto a eternização da história através do tempo. Em fundo azul celestial, por causa da grandeza existencial e religiosa do sergipano, destacam-se as cinco estrelas da bandeira do Estado, sendo a maior delas a capital, sede da própria academia. Um fio amarelo e outro verde esmeralda, extraídos das bandeiras sergipana e brasileira, abrem o céu eterno para a contagem do tempo. O sol, a ampulheta, a lua e as estrelas, são o dia e a noite, pois histórias e tempo confluem para a inscrição das iniciais ASCH e a data da sua fundação. Na base do lábaro flamula o listel em ouro com o mote Tempo e História, em latim, lema da Academia, e sinal de que ambos se complementam. Esse escudo está ladeado das palmas de louro olímpicas, da vitória, da grandeza e da notoriedade de todas as conquistas.

Um brasão figura um escudo de armas, uma identidade, uma ideologia e um ideal a ser mantido. A ASCH começa outra história, sem sede própria, realiza suas reuniões na casa dos membros e no Parque da Sementeira quando tem a cotação em baixo da árvore – no último sábado de cada mês. É uma academia itinerante, enraizada na trajetória das outras contações que lhe deram origem.

Isto posto, a ASCH vem culminar todas essas iniciativas em Sergipe e reforçá-las como numa ciranda, cujo movimento de todos dá o ritmo e a beleza da dança de poucos estudantes que sequer imaginavam. Por fim, dado o exposto até aqui, vale apresentar uma linha temporal, ao menos a tentativa de sua tecelagem por meio dos marcos abaixo destacados.

Figura 2 – Linha temporal da contação de histórias em Sergipe



Fonte: Elaborado pelo autor

O quadro acima é uma tentativa discreta de listar brevemente um percurso trilhado, de forma independente, por diversas iniciativas em prol da mesma causa. Toda que vez que tais eventos se juntaram, tomaram nova perspectiva, quase que condicionando a fundação da ASCH a outras criações, como as Feiras do livro, os Grupos Prosarte e Hannah e os Encontros Sergipanos de Contadores, na Biblioteca Pública. Ao que parece, a criação de uma Academia de contadores, mesmo partindo das provocações do acadêmico Domingos Pascoal, era algo inevitável, pois o fluxo da própria história abreviava esse tempo.

4.1. A identidade da Academia Sergipana de Contadores de Histórias

Como foi dito acima, a criação da ASCH é precedida pela atuação de diversas iniciativas individuais nas creches, hospitais, escolas, bibliotecas, universidades, que passam a ter um ponto em comum e uma sentinela que lhes facilita os caminhos da contação.

Atualmente há uma maior presença e reconhecimento do trabalho do contador de histórias, o que evidencia o seu crescimento e visibilidade social, o seu valor cultural e intelectual no desenvolvimento da criança e do adolescente, assim como do adulto, conquista de uma sequência de ações sutis, porém amadurecidas, que confirmam o objetivo da Academia, tal qual cita Antenor:

O objetivo da academia é representar os contadores de histórias sergipanos, elaborar projetos, participar de eventos e promover os atos de seus colaboradores e de seus acadêmicos, com o propósito de incentivar e multiplicar as práxis da arte de contar histórias, preservar sua identidade e integridade pessoal, social, cultural e artística. (Antenor Aguiar, em entrevista ao autor)

Logo, a fim de cumprir seu objetivo, a ASCH passa a reunir contadores e estudiosos da contação de histórias para compartilhar saberes com simplicidade. Uma das primeiras finalidades da Academia é descer de seu patamar e ir para debaixo de uma árvore contar histórias. É isso que inspira o seu primeiro projeto, a contação embaixo das árvores que ocorre mensalmente no Parque da Sementeira, na capital sergipana. O segundo projeto é o lançamento do primeiro livro, de autoria de um dos membros, cedido os direitos autorais. Isso porque

A Academia tem como missão preservar o contador de história na socialização e disseminação da cultura da oralidade, na perpetuação da nossa ancestralidade e consolida-se como centro de narração oral, estudos e pesquisas em Sergipe. (Antenor Aguiar, em entrevista ao autor).

Antenor Aguiar também salienta que a importância de uma academia é dar o devido valor e reconhecimento aos contadores e ao conteúdo de suas histórias. Eis porque se trata de um ambiente de reflexão, onde seus membros se reúnem para

tratar questões da classe e de ordenamento dos trabalhos, mas também para aprofundar o sentido da contação e das histórias.

Foi pensando no sentido das histórias que a primeira palestra da ASCH para os contadores tratava dos 'Simbolismos e contos de fadas', como ressalta Antenor:

Nós queremos saber por que esse história! Pra quem essa história! Em que época aconteceu! Por que aconteceu nessa época! Então nós queremos profundidade, conhecimento profundo, no sentido de que a gente possa em um momento qualquer esclarecer, valer o nome de Academia. (Antenor Aguiar, em entrevista ao autor).

Ademais, o presidente da ASCH, Antenor Aguiar, continua afirmando que já contou histórias para conduzir uma boa reflexão e aprendizagem sobre temas polêmicos. Antenor apresenta outras perspectivas e aplicação didática das histórias, a exemplo de seus trabalhos de contação em instituições com pessoas de risco, criminosos e famílias marginais. Para esse contador essa arte alicerça a imaginação e a quem ouve a querer ver o mundo de outro ângulo, pois há história oferece perspectivas imensas. Nós temos histórias para todo tipo, toda idade, todo pensar.

Outrossim, para a professora Fátima Colares, a contação tem características curativas não só para quem a pratica, pois a psicanálise também trabalha com os contos de fadas. Fátima continua destacando que "todo cenário dos contos de fadas tem algo do seu ego e, quando você rejeita alguma coisa, você tem aquilo dentro de si". (Fátima Colares, em entrevista ao autor).

A professora Fátima alerta, inclusive, que os problemas das crianças podem e devem ser tratados em seu próprio ambiente e universo imaginário, apesar de algum censura já presente nas escolas da atualidade, em razão da intervenção de alguns pais nos trabalhos dos contadores e das histórias em que os problemas da sociedade são tratados incisivamente. Para essa professora não é só proibir que se fale do lobo mal, para evitar que o mal entre em casa, porque o mal existe. Por isso Fátima se pergunta: "Então, por que não falar do mal e solucionar aquilo pra criança, dentro do seu mundo?" (Fátima Colares, em entrevista ao autor).

Para os acadêmicos da contação de histórias, a contação insere a pessoa no mundo imaginário, no qual a abstração e os simbolismos facilitam o confronto das ideias divergentes, sem enfrentamentos físicos. A mente humana às vezes necessita distanciar-se do problema para ver o todo e as histórias são excelentes recursos psicológicos e pedagógicos da inteligência.

Às vezes as histórias também servem para aproximar as pessoas de seus problemas, com criatividade. Algo tão eficaz na sua solução de um caso, assim como a vencer o próprio medo. Para a professora Fátima Colares, a contação de histórias exige sabedoria porque sempre é contextualizada e promove a redescoberta da leitura, vez que, como afirma em entrevista ao autor, “você tem amar principalmente ler, porque se você não for um bom leitor não será um bom contador. Mas tem aquele contador que não lê nada, mas ele lê o mundo”. (Fátima Colares, em entrevista ao autor).

A contação é um movimento que tem crescido não apenas em Sergipe, mas no Brasil e no mundo. Por sua vez, a ASCH mantém o seu pioneirismo, sendo a segunda dessa natureza, logo após a Academia Brasileira de Contadores de Histórias.

Em seu turno, a bibliotecária Cláudia Stocker destaca que a fundação da Academia Sergipana é um momento de fortalecimento desses profissionais, pois vem com o objetivo de desenvolver projetos no Estado, o que estava restrito apenas a Aracaju, com os encontros anuais de contadores.

Por sua vez, a professora Aglacy Silva, para quem “a existência da Academia tem uma força muito grande na possível transformação do contador de histórias” (Aglacy Silva, em entrevista ao autor), vê, sobretudo, no reconhecimento do profissional da contação um dos maiores bens da ASCH.

Como foi visto, o roteiro apresentado pelas personagens dessa pequena história, vem abrindo caminhos desde diversas iniciativas de profissionais da contação que destacam a sua eficácia na vida das pessoas, independentemente de suas idades, posição social, estado de espírito, religião ou condição física.

A história que acaba de ser contada é, na verdade, uma história dentro da outra, com todo bom conto, tecido em vários pontos e quaisquer semelhanças com a vida real também é um conto cheio de pontos e saiba, a quem interessar possa, é verdade.

5 METODOLOGIA DO RADIODOCUMENTÁRIO

Os dados, produção e organização do material de análise, aqui levantados partem, sobretudo de uma pesquisa não diretiva, com entrevistas sonoras semiestruturadas e semiabertas, aos membros da ASCH que tiveram papel exclusivo em alguma ação fundamental para que se chegasse à criação da mesma academia em Sergipe, como foi apontado acima, aqueles que já atuavam e reuniam outros contadores junto a si e foram se integrando até que se tornasse oportuna a fundação da ASCH.

Todas as entrevistas iniciaram com a mesma pergunta, a saber: por que uma academia de contadores de histórias em Sergipe, como tudo começou? Nenhuma das entrevistas durou menos de uma hora.

A peça final do radiodocumentário se deu conforme as seguintes etapas:

a) Pré-produção

A pré-produção deste documentário começa, de fato, com o pré-projeto de pesquisa, elaborado no 6º período de Jornalismo da UNIT, com o professor José Gomes e concluído neste 7º período, com a professora Juliana Almeida (ver Anexo B)

Após levantamento de alguns contadores de histórias de Aracaju-SE, foram agendadas entrevistas com membros da ASCH, que tivessem papel fundamental nas ações que levaram à fundação da academia.

b) Produção

As entrevistas ocorreram no período de outubro a novembro de 2018, nas residências dos mesmos, no caso da professora Fátima Colares e de Antenor Aguiar, e em seus locais de trabalho, no caso da professora Aglacy Silva e Cláudia Stocker.

Fez-se uma decoupage e pré-edição dos áudios, vez que todas as entrevistas foram de diálogo livre, com gravações longas, pausas constantes nas falas e perguntas retóricas do entrevistador, a fim de ajudar o entrevistado a lembrar os fatos que antecederam à criação da academia, bem como ajudar a concluir suas ideias.

Outro fator para esta pré-edição das sonoras é a sua gravação ter sido capturada em dispositivos móveis, logo necessitava ser levada ao estúdio em outro

dispositivo de transferência de arquivos compatível com as conexões do computador da mesa de edição.

O roteiro radiofônico foi produzido e dirigido pelo autor, considerando a linearidade temporal das ações fatos testemunhados pelos entrevistados, salientando a complementaridade aos depoimentos individuais e a necessidade de conexão entre os fatos desconhecidos da maioria, entretanto com mais de um depoimento. A finalidade é tão somente ser fiel aos fenômenos que concorreram para a Fundação da ASCH.

O roteiro do documentário (Apêndice A) compreende 9 laudas de ofício A4, com letras garrafais, indicando a técnica ou locução, na primeira coluna – menor, e o conteúdo correspondente, na segunda coluna – maior. Foram utilizados, nesta etapa os elementos descritos no item 3.3. Elementos da linguagem radiofônica, discriminados nas letras de “a)” a “d)”. Todavia, tais elementos encontram sua consideração definitiva na edição final.

O documentário “A Pequena História de Fundação da Academia Sergipana de Contadores de Histórias” traz as seguintes entrevistas:

- José Antenor Aguiar (Auditor aposentado e Presidente fundador da ASCH);
- Fátima Beatriz Colares (Professora e secretária executiva da ASCH);
- Cláudia Teresinha Stocker (Bibliotecária e diretora financeira da ASCH)
- Aglacy Silva (Professora e Diretora da Nossa Escola, membro da ASCH) e
- Domingos Pascoal (Jornalista e Membro da Academia Sergipana de Letras).

A estrutura do roteiro e, portanto, do documentário traz três momentos sequenciados: primeiro, as diversas iniciativas em prol da contação; em segundo, a provocação pela fundação da Academia e as decisões que lhe deram termo; por fim, as primeiras ações da Academia e a configuração de sua identidade.

A edição do documentário ocorreu no estúdio de rádio do Complexo de Comunicação Social – CCS, da Universidade Tiradentes – UNIT, Campus Farolândia, Aracaju-SE, nos dias 12 e 14 de novembro de 2018, com dois profissionais habilitados dessa Instituição, técnico e editor de rádio Alison Lima e a jornalista Ingrid Seemann, na segunda locução, a fim de dinamizar o documentário em forma de diálogo com voz masculina e feminina, na narração radiofônica.

Foram mixados *in loco* sons de arquivo, do referido estúdio, a fim de criar uma paisagem sonora e Background (BG) regional, especialmente na abertura e fechamento do documentário, com o canto folclórico Minha terra é Sergipe, no solo instrumental em violão de Paulo Chagas Ferreira¹¹.

Para a produção da mídia radiofônica, levaram-se em consideração fatores como custo de produção, maior acessibilidade com a própria Universidade Tiradentes e sua possibilidade de veiculação no Notícias em 10, de produção dos alunos do curso de jornalismo, na disciplina de Radiojornalismo da UNIT, Campus Farolândia, Aracaju-SE, bem como as características desse veículo que utilizam uma linguagem simples em que atinge um diversificado público na sociedade.

O documentário se aproxima de uma contação de histórias a partir dos elementos da linguagem radiofônica ditos acima; apresenta trilha sonora específica, narração em *off*, com e sem BG, e entrevistas. O tempo de duração do documentário é de 17 minutos e 41 segundos e está pronto para ser veiculado no Notícias em 10, em emissoras educativas que tenham interesse na memória e valorização da cultura sergipana. O documentário também está disponibilizado no aplicativo de

c) Pós-produção

Na pós-produção são apresentadas as ideias principais do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e do produto final, o radiodocumentário, submetidos à apreciação da Banca Examinadora.

Ademais, procedeu-se a publicação do arquivo sonoro do documentário, gerado no estúdio de rádio da UNIT, no formato mp3, na plataforma online de compartilhamento gratuito de áudio e disponibilidade de acesso, nos moldes de uma rede social, o SoundCloud¹², a fim de promover a distribuição desse produto jornalístico e acadêmico. A mídia está disponível no endereço eletrônico https://soundcloud.com/adeilton-nogueira-903582715/adeilton-tcc_jornalismo-radiodocumentario_academia_sergipana_contadores_historias-2018.

¹¹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1FSUx5ILISY>> Acesso em 21Out. 2018.

¹² <https://soundcloud.com/discover>

6 CONCLUSÃO

O contato *in loco* com o ambiente de trabalho, as ações dos contadores entrevistados e os depoimentos colhidos em entrevistas apontam para uma redescoberta de sua relevância social para a educação das crianças e seu papel nas escolas, em palestras e até casamentos, inclusive a reintegração de profissionais de diversos seguimentos que ora aderem a essa modalidade retórica.

A elaboração deste produto, com finalidade de conclusão do Curso de Comunicação Social, com habilitação em jornalismo, exigiu aplicar inúmeras habilidades que vão desde a pesquisa básica e histórico-documental, passando pela literatura de ambas as áreas, a contação de histórias e o radiojornalismo, até os aspectos mais práticos do próprio jornalismo, como as entrevistas abertas, a responsabilidade sobre as informações colhidas, o respeito quanto ao conteúdo das fontes, suas particularidades, o discernimento inteligente em filtrar e valorizar aquilo que mais se aproxima da verdade e da razoabilidade etc.

Não foi difícil escolher contar a história da criação da Academia. Desde cedo se notou que não havia notoriedade sobre o fato. Na condição de professor da educação básica, o autor já notara uma distinção na figura do contador em diversas escolas e eventos. A presença intensa desses profissionais e ambientes públicos e a recente fundação de uma Academia despertaram o tino noticioso e a decisão de se acompanhar o fenômeno enquanto se desdobra. Logo, decidiu-se pela produção de um estudo-reportagem voltado às origens da fundação da Academia Sergipana de Contadores de Histórias e torná-la um documentário de rádio, contribuindo, assim, com a memória da sociedade e suas manifestações socioculturais no Estado de Sergipe.

O interesse em pesquisar a história da fundação da Academia Sergipana de Contadores de História (ASCH), gira em torno de dar visibilidade a uma instituição recente, de ação reconhecida na Federação, sobretudo quando nenhuma pesquisa ou documentário foi feita sobre tal manifestação social, segundo a própria ASCH.

Outrossim, notou-se o interesse dos acadêmicos em ter a sua origem documentada, o que viabiliza a execução dessa reportagem, tanto quanto dá relevância científica no pioneirismo motivador.

Nos depoimentos em entrevistas ao autor, constatou-se o crescimento do papel do contador de histórias na adesão das escolas a essa modalidade de estratégia de conquista de leitores e reaproximação da juventude aos livros, pela frequência e satisfação das crianças e adolescentes nos momentos de contação.

Além da publicação do produto midiático na plataforma online SoudCloud, esta pesquisa, como um todo, é uma das contribuições dessa reportagem à sociedade sergipana e à educação, em demonstrar o papel da contação como facilitadora da simpatia dos jovens aos livros e interesse em aprender histórias, a contá-las e a desenvolver as capacidades interpretativas, criativas, expressivas e comunicativas.

REFERÊNCIAS

- ADAMI, A. **Memes**. InfoEscola Navegando e Aprendendo. Comunicação. (Ano ?) <<http://www.infoescola.com/comunicacao/memes/>>. Acesso em: 06 dez. 2017.
- AGUIAR, J. A. **A magia da arte de contar histórias**. 2ª ed. Aracaju: Info Graphics, 2013.
- BALSEBRE, A. A linguagem radiofônica. In: MEDITSCH, Eduardo (org.). **Teorias do Rádio**: textos e contextos. Volume I. Florianópolis: Insular, 2005. p. 327-336.
- BARBEIRO, H; LIMA, P. R. de. **Manual de Radiojornalismo**: produção, Ética e internet. Rio de Janeiro: Campus, 2001.
- BAUMWORCEL, A. Armand Balsebre e a teoria expressiva do rádio. In: MEDITSCH, Eduardo (org.). **Teorias do Rádio**: textos e contextos. Volume I. Florianópolis: Insular, 2005. p. 336-346.
- BRIGGS, A.; BURKE, P. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet**. Tradução: Maria Carmelita Pádua Dias. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2006.
- CAVALCANTI, J. **Caminhos da literatura infantil e juvenil**: dinâmicas e vivências na ação pedagógica. São Paulo: Paulus, 2002. (Pedagogia e educação)
- COELHO, M. B. **Contar histórias**: uma arte sem idade. São Paulo: Editora Ática, 1986.
- GABRIEL, M. **Educ@r**: A (r)evolução digital na educação. São Paulo: Saraiva, 2013.
- GOES, A.; BISPO, F.; OLIVEIRA, A. **Rádio em Sergipe**. Senac 2014. Disponível em <<https://rtvsergipe.wordpress.com/radio-em-sergipe/>> Acesso em 21 maio 2018.
- JOSÉ, C. L. **Voz e roteiro radiofônico**. São Paulo: Paulus, 2015. (Coleção Cadernos de Comunicação)
- LEÃO, E. C. **Aprendendo a Pensar**. Petrópolis: Vozes, 1992. (Vol. II)
- LYOTARD, J-F. **O pós-moderno**. Tradução: Ricardo Corrêa Barbosa. 3ª Ed. Rio de Janeiro: José Olímpio Editora. 1991.
- MCLUHAN, M. **A galáxia de Gutemberg**. Trad.: Leônidas Gontijo de Carvalho e Anísio Teixeira. 2 ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1972. Disponível em: <https://monoskop.org/images/0/00/McLuhan_Marshall_A_galaxia_de_Gutemberg_A_formacao_do_homem_tipografico_1972_BR-PT.pdf> Acesso em: 08 nov. 2017.
- MEDITSCH, E. **O rádio na era da informação**. Coimbra: Minerva, 1999.
- MEDITSCH, E. **Teorias do Rádio**: Textos e Contextos. 1. ed. v.1. Florianópolis: Insular, 2005.

MEDITSCH, E.; ZUCULOTO, V. **Teorias do Rádio: Textos e Contextos**. 1. ed. v.2. Florianópolis: Insular, 2008.

MURARO, R. M. **A automação e o futuro do homem**. Petrópolis: Vozes, 1968. 156p.

PLATÃO. **A República**. 3ª Ed. Tradução: Piettro Nasseti. São Paulo: Martin Claret. 2000. Vol. 36 (Coleção a obra prima de cada autor).

PRADO, E. **Estrutura da informação radiofônica**. São Paulo: Summus, 1989.

SILVA, J. L. de O. A. **Rádio: Oralidade mediatizada: o spot e os elementos da linguagem radiofônica**. São Paulo: Annablume, 1999.

STOCKER, C. **O incentivo à leitura através da arte de contar histórias**. Curitiba: Appris, 2014.

STOCKER, C. T. **Os caminhos e descaminhos da leitura na aquisição do conhecimento**. Nova Friburgo: Êxito Brasil; Niteroi: Intertexto, 2011.

WERTHEIM, M. **Uma história do espaço de Dante à Internet**; Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2001.

APÊNDICE A – ROTEIRO DO DOCUMENTÁRIO

A PEQUENA HISTÓRIA DE FUNDAÇÃO DA ACADEMIA SERGIPANA DE CONTADORES DE HISTÓRIAS	
TÉCNICA	SOBE SOM INSTRUMENTAL MINHA TERRA É SERGIPE MIXADA AO SOM DE PAPAGAIOS POR (062) E VAI A BG (ATÉ 15”)
LOC. 1	UMA VEZ / UM GRUPO DE ESTUDANTES / INCOMUM PELA MATURIDADE /MAS IGUAL A TODOS OS ALUNOS / REPLETOS DE SONHOS / E COM A CORAGEM DE MUDAR O MUNDO ///
TÉCNICA	SOBE SOM OXENT POR 2” E CAI EM FADE SOBE SOM DE REPENTE INSTRUMENTAL POR 03” E VAI A BG POR 20”
LOC. 2	A HISTÓRIA QUE VAMOS CONTAR COMEÇOU HÁ POUCO TEMPO / MAS É REPLETA DE OUTRAS HISTÓRIAS MAIS ANTIGAS / ONDE SEUS PERSONAGENS PROTAGONISAM A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM SERGIPE / A EXEMPLO DA PROFESSORA FÁTIMA COLARES E DE ANTENOR AGUIAR ///
TÉCNICA	BG SOM DE PÁSSAROS E ÁGUA CORRENTE POR 20” E CAI EM FADE
LOC. 1	QUANDO ESTUDANTES / SEU ANTENOR AGUIAR E A PROFESSORA FÁTIMACOLARES / SEQUER IMAGINAVAM QUE APROXIMADAMENTE 14 ANOS DEPOIS / NO DIA 20 DE DEZEMBRO DE 2017 FUNDARIAM A ACADEMIA SERGIPANA DE CONTADORES DE HISTÓRIAS / E TRÊS MESES DEPOIS TOMARIAM POSSE SEUS 16 MEMBROS FUNDADORES ///
LOC. 2	ESSA É UMA HISTÓRIA QUE MERECE SER CONTADA DE NOVO / E A PROFESSORA FÁTIMA COLARES CONTINUA PARA NÓS ///
TÉCNICA	ENTREVISTA: FÁTIMA 02 D.I. 00”: FORMAMOS A ACADEMIA ... D.F. 0’12”: ... NO HOSPITAL. TEMPO: 12” SOBE SOM OXENT POR 2”

	BG SOM DE REPENTE INSTRUMENTAL POR 12" E CAI EM FADE
LOC. 1	EMBORA COMEÇAR PELOS HOSPITAIS FOSSE A INTENÇÃO ORIGINAL / A PROFESSORA FÁTIMA RELEMBRA QUE PARECEU A ALGUNS UMA TAREFA QUE EXIGIA MAIOR EXPERIÊNCIA / E DECIDIRAM POR INICIAR NAS CRECHES ///
TÉCNICA	ENTREVISTA: FÁTIMA 03 D.I. 00": COMEÇAMOS NAS CRECHES ... D.F. 07": ... UMA BASE NÉ. TEMPO: 07" BG SOM BANDA ZABUMBEIRA POR 13"
LOC. 2	SEU ANTENOR TAMBÉM RELEMBRA QUE NÃO SABIAM DAS INTENÇÕES DOS DEMAIS / E QUE A UNIÃO DO PRIMEIRO GRUPO DE CONTADORES / PARTIU DE UM FATOR NOTICIOSO / PROVOCADO PELO PROFESSOR DA TURMA ///
TÉCNICA	ENTREVISTA: ANTENOR 02 D.I. 00': E QUANDO DA PERGUNTA... D.F. 01'00": ...DE HISTÓRIAS. TEMPO: 1'00" SOBRE SOM BANDA ZABUMBEIRA POR 02" E VAI A GB POR 22"
LOC. 1	O PROSARTE FOI FUNDADO NO DIA 29 DE MARÇO DE 2004 / E ATUA VOLUNTARIAMENTE ATÉ HOJE // NO SEGUNDO SEMESTRE DE 2006 / TAMBÉM FOI CRIADO O GRUPO RANA / PARA AQUELES CONTADORES QUE FAZEM ESTE TRABALHO DE FORMA REMUNERADA // ASSIM NOS CONTA SEU ANTENOR AGUIAR ///
TÉCNICA	ENTREVISTA: ANTENOR 03 D.I. 00": ALGUM TEMPO DEPOIS... D.F. 28": ... O GRUPO RANNA. TEMPO: 28" BG SOM BAILE DA REBECA POR 14"

LOC. 2	PRIMEIRAMENTE DOIS GRUPOS COMEÇARAM A CONVIVER NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS / DESDE 2004 // MAS ANTES DISSO / QUASE NÃO SE TEM NOTÍCIA DA PRESENÇA DOS CONTADORES NO CENÁRIO SERGIPANO / O QUE ATESTA A BIBLIOTECÁRIA CLÁUDIA STOCKER ///
TÉCNICA	ENTREVISTA: CLÁUDIA 01 D.I. 00": EU ME FORMEI EM 1999 D.F.: 49": .. ESTIVERAM LÁ TEMPO: 49" SOBE SOM OXENT POR 2" BG REPENTE INSTRUMENTAL POR 12"
LOC. 1	APÓS CONHECER SEU ANTONIO AGUIAR E A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS / A BIBLIOTECÁRIA CLÁUDIA DIZ QUE SENTIU A NECESSIDADE DE CRIAR EVENTOS / QUE PROMOVAM A CONTAÇÃO E REUNAM OS CONTADORES ///
TÉCNICA	ENTREVISTA: CLÁUDIA 02 D.1.: 00": AÍ A PARTIR DAÍ... D.F.: 44": ...QUE ELE MANIPULA. TEMPO: 44" SOBE SOM INSTRUMENTAL ARACAJU CIDADE LINDA POR 04" E VAI A BG POR 25"
LOC. 1	A NOSSA ESCOLA TAMBÉM COMPLETA AS AÇÕES PARTICULARES DE REUNIR OS CONTADORES QUE / INCLUSIVE NÃO FICARAM ISOLADAS / MAS SEDIMENTARAM O TERRENO QUE PROPORCIONOU A CRIAÇÃO DA ACADEMIA SERGIPANA DE CONTADORES DE HISTÓRIA // ESTA ERA UMA BUSCA MÚTUA QUE NÃO ESCAPOU À PERCEPÇÃO DA PROFESSORA AGLACY SILVA ///
TÉCNICA	ENTREVISTA: AGLACY 01 D.I.: 00": E EU PERCEBO QUE... D.F.: 24": CONTADOR DE HISTÓRIA TEMPO: 24" BG SOM DE PÁSSAROS POR 16"

LOC. 2	A NOSSA ESCOLA TROUXE A SERGIPE ALGUNS CONTADORES / A FIM DE REPENSAR A SUA PROPOSTA DE ENSINO / PARA A PROFESSORA AGLACY ESTE MAIS UM DOS ACONTECIMENTOS ANTERIORES AOS ENCONTROS DE CONTADORES NA BIBLIOTECA EPIFÂNIO DÓRIA E INFANTIL ///
TÉCNICA	ENTREVISTA: AGLACY 02 D.I.: 00”: ISSO FOI UM MOVIMENTO D.F.: 24”: TRADIÇÃO SUFI TEMPO: 24” BG SOM DE PÁSSAROS POR 22”
LOC. 1	ESSES ENCONTROS VIRARAM AS FEIRAS DO LIVRO / DAS QUAIS A BIBLIOTECÁRIA CLÁUDIA STOCKER JÁ MENCIONOU // QUE COMEÇARAM NA NOSSA ESCOLA E / PASSARAM A ACONTECER NA BIBLIOTECA EPIFÂNIO DÓRIA E INFANTIL ///
LOC. 2	SÃO MOMENTOS DE CONTAÇÃO QUE / DE CERTA FORMA / CONTRIBUÍRAM COM A NECESSIDADE DOS ENCONTROS SERGIPANOS DE CONTADORES / ANTECEDENTES DA CRIAÇÃO DA ACADEMIA / COMO NOS CONFIRMA ANTENOR AGUIAR ///
TÉCNICA	ENTREVISTA: ANTENOR 04 D.I.: 00”: ...PREVIAMENTE AFUNDAÇÃO DA ACADEMIA D.F.: 17”: OUTRAS PESSOAS... TEMPO: 17” BG SOM DE PÁSSAROS POR 14”
LOC. 1	OS ENCONTROS DE CONTADORES FAZEM MAIS DO QUE CONGREGAR // SÃO MOMENTOS DE FORMAÇÃO / DE EXPERIMENTAÇÃO / DE DEBATES E DISCUSSÕES ///
LOC. 2	A BIBLIOTECÁRIA CLÁUDIA STOCKER COMENTA UM DOS SEUS MAIORES OBJETIVOS ///
TÉCNICA	ENTREVISTA: CLÁUDIA 3 D.I.: 00”: E UM DOS MAIORES OBJETIVOS... D.F.: 19” ... DESSE PESSOAL TEMPO: 19”

	BG SOM DE PÁSSAROS POR 17”
LOC. 1	APESAR DE TANTAS AÇÕES DOS CONTADORES / NENHUMA DELAS TINHA A INTENÇÃO DE UM DIA FUNDAR UMA ACADEMIA // MAS AS PEÇAS DO MOSAICO FORAM SE COLANDO COM O TEMPO / E A PEÇA FINAL VEM COM UMA PROVOCAÇÃO / COMO NOS CONTA SEU ANTENOR AGUIAR ///
TÉCNICA	ENTREVISTA: ANTENOR 05 D.I.: 00”: MAS OS ENCONTROS NUNCA... D.F.: 37”: ... DEIXAR PRA LÁ TEMPO: 37” BG SOM DE PÁSSAROS POR 04”
LOC. 2	O PRÓPRIO DOMINGOS PASCOAL NOS CONFIRMA COMO FOI ISSO ///
TÉCNICA	SONORA: PASCOAL 03 D.I.: 00’: ISSO MESMO... D.F.: 39’: ...ANTENOR SOBE SOM REPENTE INSTRUMENTAL POR 03” E VAI A BG POR 10”
LOC. 1	E SEU ANTENOR CONTINUA DETALHANDO COMO FOI O DESFECHO DAS PROVOCAÇÕES DOS ACADÊMICOS DOMINGOS PASCOAL E SARACURA ///
TÉCNICA	ENTREVISTA: ANTENOR 06 D.I.: 00” ATÉ QUE UMA DESSAS D.F.: 01’00” ... VICE-PRESIDENTE TEMPO: 01’00” BG SOM DE PÁSSAROS POR 01’00”
LOC. 2	ANTES DA ACADEMIA / OS CONTADORES JÁ TINHAM ATUAÇÃO NAS ESCOLAS / CRECHES / HOSPITAIS / IGREJAS / EM PALESTRAS / ETC //

LOC. 1	HOJE SE NOTA UMA MAIOR PRESENÇA E RECONHECIMENTO DO TRABALHO DO CONTADOR DE HISTÓRIAS / O QUE EVIDENCIA O SEU CRESCIMENTO E VISIBILIDADE SOCIAL / O SEU VALOR CULTURAL E INTELLECTUAL NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE / ASSIM COMO DO ADULTO ///
LOC. 2	O OBJETIVO DA ACADEMIA É REPRESENTAR OS CONTADORES DE HISTÓRIAS SERGIPANOS / ELABORAR PROJETOS / PARTICIPAR DE EVENTOS / E PROMOVER OS AUTOS DE SEUS COLABORADORES / E DE SEUS ACADÊMICOS / COM O PROPÓSITO DE INCENTIVAR E MULTIPLICAR AS PRÁXIS DA ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS / PRESERVAR SUA IDENTIDADE E INTEGRIDADE PESSOAL / SOCIAL / CULTURAL E ARTÍSTICA ///
TÉCNICA	SOBE SOM OXENTE INSTRUMENTAL POR 2” BG SOM DE PÁSSAROS POR 22”
LOC. 1	EMBORA A MAIOR EVIDÊNCIA SEJA EM ARACAJU / HÁ CONTADORES EM TODO O ESTADO // A ACADEMIA PASSA A REUNIR UM GRUPO SELETO DE CONTADORES / ESTUDIOSOS DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS / COM OBJETIVO DE COMPARTILHAR SABERES COM SIMPLICIDADE ///
LOC. 2	COMO PRESIDENTE DA ACADEMIA SERGIPANA DE CONTADORES / SEU ANTONIO AGUIAR NOS CONTA UMA DE SUAS PRIMEIRAS FINALIDADES ///
TÉCNICA	ENTREVISTA: ANTONIO 7 D.I.: 00”: NÓS QUEREMOS SER D.F.: 32”: ... CONTAR HISTÓRIAS TEMPO: 32” SOBE SOM REPENTE INSTRUMENTAL POR 02” BG SOM DE PÁSSAROS 14”
LOC. 2	A IMPORTÂNCIA DE UMA ACADEMIA / É DAR O DEVIDO VALOR E RECONHECIMENTO AOS CONTADORES / E AO CONTEÚDO DE SUAS HISTÓRIAS ///

LOC. 2	SEU ANTENOR AGUIAR RELATA PARA NÓS QUE ESSA FINALIDADE JÁ INSPIRAVA A PRIMEIRA PALESTRA DA ACADEMIA ///
TÉCNICA	ENTREVISTA: ANTENOR 08 D.I.: 00": ...SABE QUAL FOI D.F. 21": ...NESSA ÉPOCA TEMPO: 21" BG SOM DE PÁSSAROS POR 05"
LOC. 1	O DEPOIMENTO DE ANTENOR APRESENTA OUTRA PERSPECTIVA E APLICAÇÃO DIDÁTICA DAS HISTÓRIAS ///
TÉCNICA	ENTREVISTA: ANTENOR 11 D.I.: 00": NÓS TEMOS TRABALHADO D.F.: 29": ...PARA TODO PENSAR TEMPO: 29" SOBE SOM REPENTE INSTRUMENTAL POR 02" BG SOM DE PÁSSAROS 07"
LOC. 2	INCLUSIVE / SEGUNDO A PROFESSORA FÁTIMA COLARES / A CONTAÇÃO TEM CARACTERÍSTICAS CURATIVAS NÃO SÓ PARA QUEM A PRÁTICA ///
TÉCNICA	SOBE SOM OXENTE INSTRUMENTAL POR 02" ENTREVISTA: FÁTIMA 04 D.I.: 00": TODO CENÁRIO D.F.: 27": ...DENTRO DO SEU MUNDO TEMPO: 27" SOBE SOM REPENTE INSTRUMENTAL POR 3" E VAI A BG POR 21"
LOC. 1	A CONTAÇÃO INSERE A PESSOA NO MUNDO IMAGINÁRIO / ONDE A ABSTRAÇÃO E OS SIMBOLISMOS FACILITAM O CONFRONTO DAS IDEIAS DIVERGENTES / SEM ENFRENTAMENTOS FÍSICOS // PARA A PROFESSORA FÁTIMA COLARES / A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EXIGE SABEDORIA PORQUE SEMPRE É CONTEXTUALIZADA / E PROMOVE A REDESCOBERTA DA LEITURA ///

TÉCNICA	<p>ENTREVISTA: FÁTIMA 05</p> <p>D.I.: 00": VOCÊ TEM QUE AMAR</p> <p>D.F.: 11": MAS ELE LÊ O MUNDO.</p> <p>TEMPO: 17"</p> <p>SOBE SOM BANDA OXENTE INSTRUMENTAL POR 2" E VAI A BG POR 39"</p>
LOC. 2	<p>COMO VIMOS / A HISTÓRIA DOS CONTADORES DE SERGIPE TEM VÁRIOS PIONEIROS / PORQUE A CONTAÇÃO É MAIS ANTIGA QUE A PRÓPRIA HISTÓRIA GERAL ///</p>
LOC. 1	<p>O FIO DA NOSSA MIADA / VEM ECOANDO DESDE DIVERSAS INICIATIVAS DE PROFISSIONAIS DA CONTAÇÃO / QUE DESTACAM A SUA EFICÁCIA NA VIDA DAS PESSOAS / INDEPENDENTE DE SUAS IDADES / POSIÇÃO SOCIAL / ESTADO DE ESPÍRITO / OU CONDIÇÃO FÍSICA / INCLUSIVE EM CASAMENTOS / COMO AFIRMA A BBLIOTECÁRIA CLÁUDIA STOCKER ///</p>
TÉCNICA	<p>ENTREVISTA: CLÁUDIA 05</p> <p>D.I.: 00": A CONTAÇÃO JÁ ESTÁ SE DISSEMINANDO</p> <p>D.F.: 27": ESSA LINHA.</p> <p>TEMPO: 27"</p> <p>BG SOM DE PÁSSAROS POR 18"</p>
LOC. 1	<p>O TRABALHO DE CADA INICIATIVA EM PROL DA CONTAÇÃO FOI DE SUMA IMPORTÂNCIA EM FIRMAR O SEU PAPEL DE PROFISSIONAL NA COMUNIDADE ///</p>
LOC. 2	<p>A ACADEMIA VEM CULMINAR ESSAS INICIATIVAS EM SERGIPE / E REFORCÁ-LAS COMO NUMA CIRANDA / ONDE O MOVIMENTO DE TODOS DÁ O RITIMO E A BELEZA DA DANÇA ///</p>
TÉCNICA	<p>SOBE SOM BANDA OXENT POR 05" E CAI EM FADE</p> <p>ENTREVISTA: ANTENOR 12</p> <p>D.I.: 00": FOI POR AI...</p> <p>D.F.: 08": DE TODO O BRASIL</p> <p>TEMPO: 08"</p> <p>BG SOM BANDA ZABUMBEIRA POR 10"</p>

LOC. 1	A HISTÓRIA QUE ACABAMOS DE CONTAR É VERÍDICA / E QUAISQUER SEMELHANÇAS COM A VIDA REAL / É TAMBÉM UM CONTO CHEIO DE PONTOS / E TODOS SÃO VERDADE ///
TÉCNICA	BG REPENTE INSTRUMENTAL POR 14”
LOC. 2	ESSE DOCUMENTÁRIO É UM PROJETO EXPERIMENTAL DE CONCLUSÃO DO CURSO DE JORNALISMO/ PELA UNIVERSIDADE TIRADENTES // PRODUZIDO PELO ALUNO ADEILTON SANTANA NOGUIRA / SOB A ORIENTAÇÃO DA PROFESSORA JULIANA CORREIA ALMEIDA E SILVA ///
TÉCNICA	SOBE SOM MINHA TERRA É SERGIPE INSTRUMENTAL POR 15” E CAI EM FADE
LOC. 1	FICHA TÉCNICA PRODUÇÃO E DIREÇÃO DE ADEILTON NOGUEIRA LOCUÇÃO DE INGRID ZEMA E ADEILTON NOGUEIRA EDIÇÃO DE ÁLISON LIMA ORIENTAÇÃO DA PROFESSORA JULIANA ALMEIDA
	TEMPO TOTAL 17’41”

APÊNDICE B – PRÉ-PROJETO

**UNIVERSIDADE TIRADENTES
PRÓ REITORIA ADJUNTA DE GRADUAÇÃO PRESENCIAL
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

ADELTON SANTANA NOGUEIRA

**AS ORIGENS DA ACADEMIA MUNICIPAL DOS CONTADORES DE HISTÓRIA
DE ARACAJU-SE: UM DOCUMENTÁRIO RADIOFÔNICO**

ARACAJU-SE

2018

ADEILTON SANTANA NOGUEIRA

AS ORIGENS DA ACADEMIA MUNICIPAL DOS CONTADORES DE HISTÓRIA DE
ARACAJU-SE: UM DOCUMENTÁRIO RADIOFÔNICO

Pré-Projeto de Pesquisa apresentado à Universidade
Tiradentes como um dos pré-requisitos para a
obtenção do grau de Bacharel em Comunicação
Social com Habilitação em Jornalismo.

ORIENTADOR

Prof. Ma. Juliana Correia Almeida e Silva

ARACAJU-SE

2018

SUMÁRIO

1 TEMA	4
1.1 Delimitação do tema.....	4
2 OBJETIVOS DA PESQUISA.....	5
2.1 Objetivo Geral:	5
2.2 Objetivos Específicos	5
3 INTRODUÇÃO	6
4 JUSTIFICATIVA	14
5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	17
6 CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO DA PESQUISA.....	22
REFERÊNCIAS.....	23

1 TEMA**CONTADORES DE HISTÓRIAS**

1.1 Delimitação do tema:

As origens da Academia Municipal dos Contadores de História de Aracaju-SE:
Um Documentário Radiofônico.

2 OBJETIVOS DA PESQUISA

2.1 Objetivo Geral:

Apresentar a importância dos contadores de história na promoção do interesse das crianças pela leitura, a partir da produção de um documentário radiofônico.

2.2 Objetivos Específicos

- I. Conhecer a trajetória da fundação da Academia Municipal dos Contadores de História de Aracaju-SE;
- II. Aplicar a teorias do radiojornalismo na construção de uma reportagem sobre a fundação da Academia Municipal dos Contadores de História de Aracaju-SE;
- III. Construir uma peça radiofônica para veiculação na mídia local sobre a Academia Municipal dos Contadores de História de Aracaju-SE.

3 INTRODUÇÃO

Antes da falarmos sobre os contadores vamos conhecer um pouco da história do rádio, em Sergipe, cuja mídia escolhemos radiar a história da fundação da Academia Municipal dos Contadores de História de Aracaju-SE.

A história do rádio no Brasil remonta aos anos 1930, mas em Sergipe, especificamente em Aracaju, naquela década, o que predominava era a indústria e o comércio, embora este último muito fraco.

Os partidos políticos e suas disputas ainda não eram tão acirradas e a radiodifusão não chegara à capital. Os primeiros indícios de comunicação sem fio no Estado se deu através do alto-falante instalado no Instituto Histórico e Geográfico, a serviço do governo estadual para a divulgação do boletim oficial.

Desde então novos alto-falantes foram instalados em alguns pontos da capital, com a finalidade de transmissão de músicas, semelhante ao papel de uma emissora de rádio, como experimentamos nos dias de hoje.

É em junho de 1939 que o presidente Getúlio Vargas concede permissão para a implantação de uma estação de radiodifusão em Aracaju, através do Decreto-lei nº 4328 de 30 de junho de 1939. Na mesma data em que é inaugurada a Rádio Aperipê de Sergipe, vinculada ao Estado.

A Rádio Aperipê, que fazia parte do Departamento de Imprensa e Propaganda – DIP, ainda no governo de Eronildes Ferreira de Carvalho. Era de iniciativa privada mas acabou pertencendo ao governo do Estado por quitar as dívidas da aparelhagem. A emissora era identificada pelo prefixo PHJ-6 e tinha como meta prioritária “Educação e Propaganda”.

Alguns anos mais tarde, A rádio Aperipê, foi vendida ao empresário Augusto Luz e, segundo Thetônio Neto (1983. p. 5) revelou grandes nomes, a exemplo de Alfredo Gomes, João Ribeiro, Cláudio Silva, Wolney Silva etc.

A emissora progrediu e o público também demonstrou seu interesse pela radiofonia sergipana. Entretanto sua programação sempre esteve voltada para os interesses do governo. Algo comum a outras localidades, sobretudo na fase inicial do rádio no Brasil. Entretanto, hoje em dia ainda se percebe este vício.

Mas é na década de 1950, com o advento da televisão, quando o rádio no sul do país começa a apresentar aparentes sinais de declínio, que Sergipe implanta a sua segunda emissora de radiodifusão, a Rádio Liberdade AM, inaugurada em 7 de setembro de 1953, de propriedade do sergipano e industrial Albino Silva Fonseca.

A Rádio Liberdade AM, ganha sua audiência sob microfones de disputas políticas. Por se tratar de uma rádio de oposição partidária, fazia transmissões ao vivo e com a participação dos ouvintes. É pioneira nas transmissões de programas.

A transmissão dos programas esportivos também fazia sucesso e causava até conflitos entre a Liberdade e a Difusora. Esta última, segundo Alves (Apud PORTO, 2004, p. 22) era amadorística e ainda estava tentando se estabelecer.

As disputas se davam porque a difusora possuía ligação com os dois estádios de Aracaju e conseguia transmitir duas partidas ao mesmo tempo, enquanto a Liberdade apenas uma.

No entanto foi a Rádio Liberdade quem paralisava o comércio nos horários dos programas, especialmente aqueles que traziam notícias, crônicas e fatos políticos, bem como protagonizou, no Estado, o Rádio Teatro, que mais tarde passou a ser chamado de radionovela.

É pela importância do rádio na continuidade das narrativas orais que escolhi esta mídia para contar a trajetória de outros oralistas. Refiro-me aos contadores de história da cidade de Aracaju, que vêm reconquistando seu espaço na sociedade, sobretudo, reconhecidamente, seu papel na educação de jovens e adultos.

Assim desenvolvemos nosso estudo em torno do tema Contadores de histórias, cujo delimitamos em *As origens da Academia Municipal dos Contadores de História de Aracaju: um documentário radiofônico*.

Tomamos por base, inicialmente, os autores aqui denominados. Coelho (1986), livro de berço de quem ingressa na contação e por trazer diversas metodologias reproduzidas pelos contadores, que assistimos in loco, desempenhando o seu papel junto às crianças, em bibliotecas, escolas públicas e particulares.

A prática da contação começa a ser disseminada nas escolas e bibliotecas, mas carece de formação específica, visto que não se tem um curso de contadores, mas aqueles que atualmente desempenham tal tarefa o fazem por inclinação pessoal, sendo que alguns possuem graduação e outros são pouco letrados.

Cavalcante (2002) é outra autora relevante, face sua aplicação do papel do contador diretamente voltada às atividades pedagógicas, reconhecidas na literatura infanto-juvenil brasileira e internacional, partindo da poesia grega, passando pelo imaginário medieval das fadas, além de trazer uma breve história da arte milenar dos contadores de história.

O resgate de Cavalcante (2002) desmitifica tal ofício como algo pueril ou de camadas sociais menos favorecidas. A exemplo do Vizir, Scherazade e as 1001 noites, os contos relatam o cotidiano de nobres e influentes autoridades, sobretudo figuras de relevante importância para

a comunidade. Talvez para da importância ao conto. Outrossim podemos destacar a tradição bíblica-judaica e seus contos milenares, tardiamente escritos.

Stocker (2011), relaciona a contação como auxiliar na tarefa da aquisição do conhecimento e o relevante papel dos contadores no desenvolvimento do interesse das pessoas pela leitura como instrumento de educação. Mesmo a educação formal pode lançar mão dessa ferramenta e descobrir a tecnologia que facilita o processo de ensino-aprendizagem.

Isto o corrobora a história da contação, que destaca os primeiros contadores, os xamãs das cavernas pré-históricas e suas narrativas a partir das pinturas rupestres, bem como a tradição das religiões que educam sobretudo pelas histórias de suas fundações, às quais o bom fiel as tem de cor. São tradições inicialmente orais que só tardiamente alcançou a tecnologia da pintura ou da escrita para dar-lhe eco e continuidade em outras vozes.

Outra obra de Stocker (2014) explora não mais os tipos de leitura, mas os gêneros literários na contação e algumas técnicas do uso transformador das histórias na formação do futuro leitor. O gênero se diversifica e tende a se moldar ao tipo do enredo. Sabedoria esta que deve ser respeitada por aqueles que se dispõem a simplesmente relatar um fato ou mesmo a contar uma história a um grande público.

Na verdade, quem não gosta de uma boa história? Ou quem nunca se pôs a conta-la, esperando a atenção primordial durante seu relato e o merecido reconhecimento ao seu final. Quem, quando criança, adolescente ou mesmo adulto não se encantou ou se encanta com uma boa história e uma história bem contada? A forma ou o estilo com que se conta interfere no interesse pelo conto e pela procura posterior de sua continuidade. Seja na busca da verdade sobre os fatos, seja no mergulho ainda mais profundo do mundo imaginário.

Os livros e os filmes, não raro, são revisitados, pelo entusiasmo que suas histórias ressuscitam na pessoa que as acompanha, no silêncio de seus corações e mentes ou nos sons modestos de suspense e gritos de horror.

Aguiar (2015), por sua vez é membro da supra referida Academia em estudo e seu livro esclarece por que e como contar histórias, além do que traz muito de sua experiência que se soma na história da fundação da Academia em questão.

Junto a estes autores, destacamos que a história ou as origens dos contadores remonta os mitos mais antigos da humanidade. Conta-se do mito grego de Hermes que ele possuía asas nos pés para voar entre o céu e a terra relatando aos deuses e aos homens suas histórias.

Bem assim toda cultura e literatura antiga, a exemplo dos livros sagrados, foram, antes de escritos, cultura oral, transmitida e enriquecida, alegorizada, enfeitada, de geração em geração, ganhando importância e significado, tanto para quem ouvia quanto para quem contava.

O contador de histórias é uma figura muito antiga, um avô ou seu ancestral, ou outro ancião, presente no imaginário de inúmeros povos e gerações ao longo da História. Desde aqueles desprovidos de recursos tecnológicos avançados, contando apenas pela mídia natural, o som que criava, sua tonalidade, suas expressões e gestos e a paisagem local.

Sem muita instrução formal, o contador do passado era o mestre, o xamã, o sacerdote, um ser imprescindível na educação e formação de todos, responsável pela importante tarefa de perpetuar as narrativas de histórias, ‘causos’, contos, mitos, lendas, entre outras.

Eram esses ‘sacerdotes’ que dava o tom moral, a interpretação e mensagem a ser seguida, recontando histórias antigas e elucidando as realidades desconhecidas, ou ainda, impregnando-as de maiores mistérios, a fim de manter vivo o respeito aos antepassados e suas narrativas, assim como a esperança no que não podiam ver ou tocar.

O narrador oral, descrito acima, remonta historicamente à figura dos bardos, herdeiros de do deus Hermes, a responsáveis pela transmissão de histórias, lendas em forma de poemas orais e canções. Deles dependia a vitória sobre o desconhecido e a coragem de se seguir em frente, com seus heróis e um final feliz, apesar das adversidades, do desconhecido, a enfrentarem os monstros e demônios que habitavam seu imaginário.

Quando se fala de contadores de história logo imaginamos que as novas tecnologias os aboliram, ou que não há mais espaço para este tipo de narrativa. Não na Era digital e do texto multimidiático, em que você toca na tela do smartphone e logo acessa outros textos ou assiste a vídeos e ouvi música ou faz tudo isso simultaneamente.

Normalmente o contador está muito associado à Era Medieval, dos filmes que nos entretém na contemporaneidade. Aqueles trovadores nos castelos e suas coortes, onde se reuniam para apreciar som e enredo, naquela tradicional forma de entretenimento e formação, instrução e compartilhamento das estruturas sociais mais antigas.

Desde o teatro grego se pode intuir a força de uma narrativa bem arquitetada para a transmissão de uma ideia ou lei moral para atrair o interesse do audiente ao espetáculo da narração, que as palavras não conseguiriam se lidas ou ouvidas no silêncio mergulhado de solidão.

O recurso do qual lança mão um contador perpetua uma arte que não se extinguiu, mas se desenvolve desde a oratória desenvolvida pelo filósofo grego Aristóteles, chegando até a evocar um certo tom de mágica do contador, no recurso de sua voz, ao redor de lareiras, noite a dentro por exemplo.

Uma das mais conhecidas histórias de contadores e de seu poder em transformar o ouvinte é a de Scherazade e as 1001 Noite. Esta narradora consegue se manter viva e livre,

inclusive curar o vizir, com suas narrativas, purificando seu coração com palavras, do desejo de vingança contra as mulheres.

Não raro cada um de nós se depara com este recurso, em contar uma história para o interlocutor, a fim de lhe amenizar os ânimos ou relativizar, com outros exemplos, suas ideias fixas. Isto não são apenas os psicoterapeutas que o fazem.

Mas a relevância da nossa pesquisa se dá pelo papel crescente desta retomada nos dias atuais, por um grupo modesto, todavia atuante e presente, silenciosos nas grandes mídias da capital, porém não nas escolas, bibliotecas e outras aglomerações.

Recentemente, muitos educadores ou não, mesmo informais, procuram cursos, oficinas e técnicas para se capacitarem profissionalmente. Em Aracaju, já se realizou o oitavo encontro de Contadores de Histórias, na biblioteca infantil Aglaé Fontes de Alencar, antiga Biblioteca Pública Epifâneo Dórea, o que culminou com a criação da Academia Municipal de Contadores de História de Aracaju-SE.

Junto a importância do papel dessa modalidade de contação, nasce também nosso interesse particular, enquanto estudante de Comunicação Social da Universidade Tiradentes, em pesquisar a história da fundação da Academia Municipal dos Contadores de História de Aracaju-SE.

Entendemos que toda reportagem é uma pesquisa, que também carrega os rigores de sua produção. No presente estudo, queremos fazer da pesquisa uma reportagem, melhor um documentário, a fim de dar visibilidade a uma instituição recente, de ação reconhecida no município; procurando contar também uma história oral, por isso a escolha da radiodifusão da trajetória histórica desde o primeiro encontro sergipano de contadores, em 2011, até a fundação da Academia Municipal de Contadores de História de Aracaju-SE, aos 20 de março de 2017. Isto, por meio de um documentário de rádio.

Repito, escolhi um projeto experimental de rádio por me parecer mais próximo do papel dos contadores, em fazer o espectador inserir-se no mundo oral do áudio, onde o repertório e a paisagem musical predominam, desde a entonação à escolha das palavras, mais do que as imagens e cenários físicos. Isto nos aproxima mais dos contadores, dos quais contamos a sua história em Aracaju-SE.

Mas também nos aproxima de tantos que os ouvem e, segundo sua teatralidade audiovisual, podem reconhecê-los e às suas técnicas, não no palco ou sala de uma escola ou biblioteca, mas no som de um rádio.

Para tanto, seguirei as orientações dos teóricos do radiojornalismo, na produção e gravação de diversos áudios de depoimentos e entrevistas e finalizarei com a produção de uma peça radiofônica de cunho cultural e jornalístico, pronta para veiculação na mídia.

Isto posto, precisamos nos fundamentar nas teorias do rádio e do radiojornalismo. Eis porque tomamos por base os teóricos que ora apresentamos.

Silva (1999), sobretudo quanto aos elementos da linguagem radiofônica, voz e sonoplastia, ritmos, paisagem sonora e plasticidade da palavra oralizada e mediatizada, assim como o silêncio significante. Este último pouco explorado e tão eloquente na produção do imaginário quanto uma palavra bem escolhida.

Em Meditsch (2005), Volume I, baseamo-nos numa teoria do rádio mais histórica e clássica com os textos de Brecht e McLuhan. Há ainda um sequenciado referencial sobre a linguagem radiofônica que nos sedimentam na produção do roteiro.

Já em seguimento a Meditsch; Zucolotto (2008), Volume II, extraímos teorias mais voltadas à prática do jornalismo pelo rádio como o ensino pelo rádio, de Roquete-pinto e clássicos com Walter Benjamin ou a Radio Radical e a Nova Paisagem Sonora a criatividade no contexto do rádio atual. Estes textos nos reforçam a ideia de que a união do rádio e a contação de histórias formam um casal promissor.

José (2015), orientam-nos na construção do roteiro para a peça padrão reportagem e documentário radiofônica, sobretudo no capítulo 5. Este, sobretudo, orienta a peça que produzimos e disponibilizamos na mídia local.

Outrossim, os teóricos até aqui apresentados, referendam-nos o problema ao qual elucidamos com esta pesquisa, a saber: Qual a relevância do papel dos contadores na promoção do interesse pela leitura e conhecimento da literatura infantil em Aracaju?

A propósito, este referencial acima descrito se soma aos teóricos da contação, anteriormente anunciadas, afim de fazer cumprir o nosso principal objetivo que é apresentar a importância dos contadores de história na promoção do interesse das crianças pela leitura, a partir da produção de um documentário radiofônico.

Ademais, enquanto projeto de pesquisa, adiantamos que estas referências possam ser acrescidas de alguns comentadores aos teóricos levantados, em especial com Artigos Científicos em levantamento por este pesquisador até o início de execução do Cronograma de Execução da Pesquisa, proposto no item 6 deste projeto.

Portanto, enquanto objetivos específicos que norteiam nosso estudo são: Conhecer a trajetória da fundação da Academia Municipal de Contadores de História de Aracaju-SE; Aplicar a teorias do radiojornalismo na construção de uma reportagem sobre a fundação da

referida Academia Municipal de Contadores de História de Aracaju-SE; Construir uma peça radiofônica para veiculação na mídia local sobre a Academia Municipal de Contadores de História de Aracaju-SE.

Trabalhamos tais objetivos específicos na construção dos capítulos. No Primeiro Capítulo, desenvolvemos os aspectos mais teóricos da pesquisa, segundo os autores já apresentados. Para tanto contamos com alguma revisão de literatura na produção deste memorial descritivo, onde trazemos as principais teorias do radiojornalismo, sobretudo aquelas que aplicaremos na confecção de um documentário sobre a fundação da Academia Municipal de Contadores de História de Aracaju-SE.

No Segundo Capítulo nos dedicamos exclusivamente à história da criação da Academia Municipal de Contadores de História de Aracaju-SE, a partir das entrevistas semiestruturadas e da documentação disponível na própria academia, que já sabemos escassa, a não ser pelas atas de reuniões, únicos documentos oficiais da referida instituição.

Dito desta forma, eis o motivo que nos levou a recolher áudios, sonoras, com os contadores e outros ouvintes que se disponham a contar essa trajetória, para fazer conhecer as origens da fundação da Academia Municipal dos Contadores de História de Aracaju-SE.

O Terceiro capítulo é dedicado à produção mesma do documentário, como análise e resultado deste estudo de caso de caráter documental, onde estão presentes os elementos da linguagem radiofônica que discutimos no Primeiro capítulo, como paisagem sonora, a relação verbo-voco-sonoplástica e o próprio roteiro de produção de uma peça radiofônica, pronta para a veiculação na mídia local, sobre a Academia Municipal de Contadores de História de Aracaju-SE.

Perseguimos durante o nosso estudo responder ao nosso problema. Temos clero que a comunicação tem como fundamento fazer saber, dar notoriedade e apresentar algo de relevante ou que se queira evidenciar.

Os contadores de história de Aracaju têm contribuído com a preservação da cultural oral e com a continuidade da comunicação em sua prática mais remota, a contação das narrativas livrescas por meio da oralidade, da teatralidade e da corporeidade.

Esta pesquisa, como temos dito, procura contar também uma história oral, a trajetória histórica desses oralistas, do primeiro encontro sergipano de contadores, em 2011, até a fundação da Academia Municipal de Contadores de História de Aracaju-SE, aos 20 de março de 2017, por meio de um documentário de rádio, para o qual utilizamos diversos áudios de depoimento e entrevista.

Para tal fim, produzimos uma peça radiofônica de cunho cultural, pronta para veiculação na mídia, a fim de, no conjunto desta pesquisa, respondamos ao nosso problema, a saber, qual é a relevância do papel dos contadores na promoção da comunicação oral e do interesse pela leitura e conhecimento da literatura infantil em Aracaju-SE?

Esperamos contribuir com a confirmação da importância dos contadores de história na promoção do interesse das crianças pela leitura, bem como dar visibilidade à trajetória da fundação da Academia Municipal dos Contadores de História de Aracaju-SE.

4 JUSTIFICATIVA

A comunicação tem como fundamento fazer saber, dar notoriedade e apresentar algo de relevante ou que se queira evidenciar. Assim nascem os contadores de história, pessoas que têm algo a dizer, sobre as aventuras do passado ou do presente e até mesmo do futuro.

Desde as mais remotas personagens na pré-história, passando pelos trovadores antigos, filósofos, ministros religiosos, mestres medievais, cientistas modernos, anciãos etc., sempre houve quem se dispusesse a inserir os demais nos mistérios e saberes que conhece, empolgando e despertando interesse em pessoas desconhecidas.

Na atual Era das tecnologias digitais, a curiosidade e a busca por conhecimento encontra no espaço digital da Web sua mais aparente busca. Em meio ao dilema da continuidade do livro e da frequência nos espaços físicos da leitura dos impressos, a biblioteca, onde também se encontram outros formatos de livros ou não, uma figura se evidencia como mediação de proximidade não eletrônica, mas orgânica, viva, falante e presente, a saber, os contadores de história.

Dito desta forma, a geração dos nativos digitais, as crianças do Século XXI, a contragosto do que pensa o senso comum, expressa seu interesse pelas histórias contidas nos livros e, conseqüentemente, no mundo imaginário da oralidade, midiaticizado pelo papel de seus intérpretes e tradutores populares, os contadores de história.

Isto intriga um estudante de Comunicação Social e Jornalismo, ainda mais após o término de minha dissertação de mestrado, no início deste ano de 2018, onde pesquisei também uma mídia aplicada à educação, propriamente nas aulas de Filosofia que leciono numa cidade do interior Sergipano.

A pesquisa de mestrado a qual me refiro e desenvolvi anteriormente, investigou A Fotografia Digital na Mediação de Saberes da Disciplina de Filosofia no Ensino Médio: Uma Pesquisa Intervenção. Onde descobri como a fotografia digital pode contribuir na mediação para a construção e apropriação de saberes filosóficos no Ensino Médio. Uma pesquisa originada nas práticas fotográficas dos alunos, em não mais escrever os apontamentos da lousa em seus cadernos, mas fotografá-los para depois revisitá-los estudando.

Dito acima, isto me intriga, como técnicas de fora da didática do professor são utilizadas pelos alunos para lhes amparar a aprendizagem? Melhor, referimo-nos a técnicas ligadas à Comunicação e não à área específica da Educação. Cada vez mais as tecnologias da comunicação, e não me refiro apenas às eletrônicas ou digitais, mas ao conjunto de técnicas e metodologias que se somam na constituição de um ambiente de troca de informação, onde

emissor-produtor da mensagem de identifica com o próprio canal de transmissão e o destinatário-receptor interage socialmente.

Foi num contexto como o descrito acima que me despertou a buscar saber mais sobre os contadores de Aracaju-SE. Em especial, por conhecer pessoas que desempenham esse papel socioeducativo, com recursos da oratória e da comunicação, em geral, desprovidos de tecnologias eletrônicas, a não ser do fundo musical que compõe sua paisagem sonora, o ambiente imaginário, palco de suas histórias.

A atividade dos contadores em Aracaju-SE era algo individualizado. Mas descobrimos que há oito anos iniciavam os encontros sergipanos de contadores de histórias, na biblioteca infantil Aglaé Fontes de Alencar, antiga Biblioteca Pública Epifâneo Dórea, dada a redescoberta de sua relevância social desses contadores para a educação das crianças e seu papel nas escolas de Aracaju, ou mesmo do Estado de Sergipe.

É a partir deste reconhecimento que se constata um crescimento na adesão das escolas a esta modalidade de estratégia de conquista de leitores e reaproximação da juventude aos livros, pela frequência e satisfação das crianças e adolescentes nos momentos de contação. Esta é uma das contribuições desta pesquisa à sociedade sergipana e à educação em si, em demonstrar o papel da contação como facilitadora da simpatia dos jovens aos livros e interesse em aprender histórias e a contá-las.

A mim esta é uma situação muito cara, enquanto professor e estudante de jornalismo. Trago uma preocupação constante sobre os aspectos da atual vida digital e a perda de costumes menos cibernéticos, como a integração física, a reunião de pessoas em torno de um oralista e a criação de imaginações, a partir de recursos analógicos, mecânicos, menos eletrônicos e rudimentares da própria oralidade, da teatralidade e da corporeidade.

O interesse em pesquisar a história da fundação da Academia Municipal de Contadores de História de Aracaju-SE, gira em torno de dar visibilidade a uma instituição recente, de ação reconhecida no município, sobretudo quando nenhuma pesquisa ainda foi feita sobre tal instituição segundo a própria Academia. O interesse dos acadêmicos em ter a sua origem documentada viabiliza a execução da pesquisa, tanto quanto nos dá uma relevância científica de pioneirismo motivador.

Destarte, contamos também uma história, a saber, a trajetória histórica desses oralistas, do primeiro encontro sergipano de contadores, em 2011, até a fundação da Academia, aos 20 de março de 2017, por meio de um documentário de rádio.

Escolhi um projeto experimental de rádio por me parecer mais próximo do papel dos contadores, em fazer o espectador inserir-se no mundo oral do áudio, onde o repertório e a

paisagem musical predominam, desde a entonação à escolha das palavras, mais do que as imagens e cenários físicos. Para tanto, seguirei as orientações dos teóricos do radiojornalismo, na gravação de diversos áudios de depoimentos e entrevistas e finalizarei com a produção de uma peça radiofônica de cunho cultural e jornalístico, pronta para veiculação na mídia.

Por fim, espero contribuir com a confirmação da importância dos contadores de história na promoção do interesse das crianças pela leitura, bem como dar visibilidade à trajetória da fundação da Academia Municipal de Contadores de História de Aracaju-SE.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Por se tratar de um projeto experimental de rádio, esta pesquisa é, quanto a abordagem, do tipo qualitativa, onde as preocupações não estão no universo dos números e da quantidade, mas das qualidades, ou seja, das impressões, sentimentos e reações que nosso objeto causa aos sujeitos envolvidos e à sociedade em que se inscreve.

É ainda uma pesquisa dialética, quanto à forma como abordamos o estudo, vez que para Pradanov; Freitas (2013) é um método de interpretação mais dinâmico e totalizante da realidade, por considerar que os fatos não podem ser tomados fora de um contexto social, político, econômico etc.

Quanto à sua natureza é uma pesquisa Aplicada, pois envolve problemas e verdades locais. Quanto aos objetivos é uma pesquisa do tipo exploratória, pois visa proporcionar mais informações sobre o assunto investigado e possui planejamento flexível.

Do ponto de vista dos procedimentos técnicos, ou seja, considerando o ambiente em que vamos desenvolvê-la é uma pesquisa do tipo Estudo de Caso, pois, segundo Pradanov; Freitas (2013, p. 60) “O estudo de caso consiste em coletar e analisar informações sobre determinado indivíduo, uma família, um grupo ou uma comunidade, a fim de estudar aspectos variados de sua vida, de acordo com o assunto da pesquisa.” Ou seja, constitui-se em coletar, produzir e analisar informações sobre a criação da Academia Municipal de Contadores de Histórias de Aracaju-SE.

Logo, o universo desta pesquisa se circunscreve na cidade de Aracaju-SE, com os sujeitos que fundaram a referida Academia, no ano de 2017, bem como colaboradores e outros integrantes ou pessoas envolvidas em tal instituição que se disponham a ceder entrevistas para veiculação na mídia radiofônica.

Tal amostragem envolve, sobretudo, as pessoas de origem da criação da citada Academia, por se tratar do primeiro trabalho de pesquisa e divulgação dessa natureza, sobre a Academia em questão. Esta é sua principal relevância e originalidade, inclusive, seu contributo cultural e intelectual para a sociedade aracajuana e sergipana.

Construímos nossos dados a partir da produção e organização do material de análise, sobretudo entrevistas sonoras semiabertas, com a finalidade última de confecção de um documentário radiofônico.

Dito desta forma, desenvolvemos uma pesquisa qualitativa de estudo de caso, de caráter documental, onde vamos produzir uma mídia jornalística para o rádio contando a trajetória desses contadores de história.

Trazemos, portanto, como metodologia um estudo de caso, com características documentais, onde fazemos entrevistas semiestruturadas, com perguntas abertas, para composição do nosso objeto, que se configura no jornalismo como uma reportagem, num primeiro momento, e utilizando características da linguagem radiofônica, num segundo momento metodológico desta pesquisa, que a produção mesma da peça de rádio.

Para a produção da mídia radiofônica, levaram-se em consideração fatores como custo de produção, maior acessibilidade com a própria Universidade Tiradentes e sua veiculação no Notícias em 10, de produção dos alunos do curso de jornalismo, no caso da disciplina de radiojornalismo da UNIT, Campus Farolândia, Aracaju-SE, e as características desse veículo que utilizam uma linguagem simples em que atinge um diversificado público na sociedade. Pois, segundo Prado (1989, p. 15) “O rádio é o sistema de distribuição de mensagens mais extenso, ágil e barato com que conta à sociedade atual. Nenhum outro meio pode competir com sua modalidade [...]” e não exige do ouvinte a exclusividade da imagem frente ao aparelho de tevê e nem a obrigatoriedade de saber e/ou querer ler o jornal impresso.

Todavia, para a construção do Primeiro Capítulo, de cunho mais teórico, contaremos com alguma revisão bibliográfica para produção do memorial descritivo, onde versa das teorias do radiojornalismo, a fim de aplicá-las na construção de um documentário sobre a fundação da Academia Municipal de Contadores de História de Aracaju-SE.

O Segundo Capítulo se reporta à história mesma da criação da Academia Municipal de Contadores de História de Aracaju-SE, a partir das entrevistas e semiabertas e da documentação disponível na própria academia, quando recolheremos áudios, sonoras, que são as entrevistas e a pesquisa de campo com os sujeitos de estudo, alguns contadores e outros ouvintes que se disponham a contar essa trajetória, para conhecer a história da fundação da Academia Municipal dos Contadores de História de Aracaju-SE.

Mas a produção mesma do documentário se encontra no Terceiro Capítulo, como análise e resultado deste estudo de caso de caráter documental, onde utilizamos elementos da linguagem radiofônica, paisagem sonora e a relação verbo-voco-sonoplástica para construir uma peça radiofônica pronta para a veiculação na mídia local, sobre a Academia Municipal dos Contadores de História de Aracaju-SE.

Dito acima, essas são característica facilitadoras que o rádio possibilita quando se quer atingir um público maior e indiscriminado, por não exigir aquele conhecimento especializado para a recepção e decodificação das mensagens radiofônicas. É como explica Prado (1989, p. 28)

O rádio como meio informativo pode fazer um papel muito diferente [...] pode aumentar a compreensão pública através da *explicação e análise*. [...] Pode-se contar, além disso, neste sentido reflexivo, com a capacidade de restituição da realidade através das representações fragmentárias da mesma, veiculadas com seu contorno acústico.

Assim, apresentamos a importância dos contadores de história na promoção do interesse das crianças pela leitura, a partir da produção de um documentário radiofônico, em cumprimento ao objetivo principal da pesquisa e objetivos específicos em cada Capítulo.

1. Planejamento e produção da mídia de radiojornalismo

1.1. Apresentação: O objetivo do projeto é produzir uma mídia de rádio capaz de proporcionar visibilidade à Academia Municipal de Contadores de História de Aracaju-SE, contando a trajetória de sua fundação a partir do depoimento das principais pessoas envolvidas em sua criação. A mídia segue a técnica do radiojornalismo no estilo documentário e será produzida a partir de depoimentos em sonoras gravadas pelos membros da referida Academia, de forma sequenciada, de modo a deixar claro ao ouvinte a maneira como foi surgindo a ideia de criação da Academia e o que foi feito para que isto se concretizasse, nem como a finalidade dessa instituição e seu papel atual na sociedade sergipana.

A mídia será veiculada no programa Notícias em 10, da Universidade Tiradentes, no Campos Farolândia, em Aracaju-SE, em data anterior à defesa deste Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo, em data a combinar. Assim publicizamos a pesquisa de forma simplificada e clara, como presa este veículo da informação. Ademais continuando seu caráter democrático e facilitador da integração social, inclusive fazendo do rádio e do Notícias em 10 uma extensão da sala de aula e laboratório de jornalismo, ensinando pesquisa, cultura e cidadania.

1.2. Justificativa: O interesse nesta mídia em especial gira em torno de dar visibilidade à trajetória histórica desses oralistas, do primeiro encontro sergipano de contadores, em 2011, até a fundação da Academia Municipal de Contadores de História de Aracaju-SE, aos 20 de março de 2017, por meio de um documentário de rádio.

O jornalismo veiculado pelo rádio obedece às exigências do meio e sua linguagem próprias, entretanto não diminui, mas alarga as possibilidades de sua recepção e compreensão, dada a popularidade e acesso desta plataforma. Se o que queremos é dar

visibilidade ao trabalho e história dos contadores de Aracaju, ter uma mídia pronta para contar essa história facilita a sua retransmissão oportuna pela dita Academia.

Por se tratar do primeiro trabalho de pesquisa e divulgação dessa natureza, sobre a Academia em questão, esta é sua principal relevância e originalidade, inclusive, seu contributo cultural e intelectual para a sociedade aracajuana e sergipana.

1.3. Objetivo geral: Construir uma peça radiofônica para veiculação na mídia local sobre a Academia Municipal dos Contadores de História de Aracaju-SE.

1.3.1. Objetivos Específicos: Apresentar a importância dos contadores de história na promoção do interesse das crianças pela leitura, a partir da produção de um documentário radiofônico; Conhecer a trajetória da fundação da Academia Municipal dos Contadores de História de Aracaju-SE; Aplicar a teorias do rádio-jornalismo na construção de uma reportagem sobre a fundação da Academia Municipal dos Contadores de História de Aracaju-SE;

1.4. Planejamento: Do ponto de vista técnico desenvolvemos um documentário radiofônico de Estudo de Caso, onde coletamos, produzimos e analisamos informações sobre a criação da Academia Municipal de Contadores de Histórias de Aracaju-SE, a partir da produção e organização, sobretudo, de entrevistas sonoras semiabertas, com as pessoas de origem da criação da referida Academia.

Para a produção da mídia radiofônica, levamos em consideração a sua veiculação no Notícias em 10, de produção dos alunos do curso de jornalismo, no caso da disciplina de rádio-jornalismo da UNIT, Campus Farolândia, Aracaju-SE, e fatores como custo de produção, maior acessibilidade com a própria Universidade Tiradentes.

A produção mesma do documentário se encontra no Terceiro Capítulo do TCC, como análise e resultado final do Estudo de Caso, de caráter documental, onde estão presentes os elementos da linguagem radiofônica, como paisagem sonora e a relação verbo-voco-sonoplástica, pronta para posterior reprodução e veiculação na mídia local.

1.5. Título: A história dos contadores de história de Aracaju.

1.6. Duração: respeitando as características do veículo (o rádio) que requer uma linguagem clara e objetiva definimos sua duração em 05 minutos.

1.7. Periodicidade: uma vez no Notícias em 10 e posterior reprodução, segundo os interesses da Academia municipal dos Contadores de História de Aracaju-SE.

1.8. Produção: a característica jornalística da mídia segue o estilo documentário, com sonoras sequenciadas e logicamente encadeadas a partir da linearidade do surgimento

dos porquês da ideia de criação da Academia, podendo contar com alguma narrativa do autor do deste TCC.

1.9. Fontes e participantes: as sonoras são produzidas a partir das entrevistas semiestruturadas realizadas com os fundadores da Academia e outros envolvidos.

1.10. Gênero jornalístico: Documentário.

Dito acima, assim estão estruturada as duas metodologias deste estudo: a metodologia da pesquisa científica e a metodologia do documentário radiofônico, produto e resultado final deste trabalho.

6 CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO DA PESQUISA

Nosso planejamento metodológico está estruturado a partir do quadro abaixo:

CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO DA PESQUISA

ATIVIDADE	2018.2					
	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Revisão bibliográfica	X	X				
Coleta de dados	X	X	X			
Análise de dados			X	X		
Produção da mídia de rádio				X	X	
Veiculação da mídia de rádio					X	
...						
Apresentação do TCC					X	

Vale destacar que os dados coletados são em sua maioria construídos em entrevistas semiabertas, gravadas em sonoras, salvo documentação da recém-criada Academia Municipal dos Contadores de Histórias de Aracaju-SE.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, J. A. **A magia da arte de contar histórias**. 2ª ed. Aracaju: Info Graphics, 2013.
- CAVALCANTI, J. **Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica**. São Paulo: Paulus, 2002. (Pedagogia e educação)
- COELHO, M. B. **Contar histórias: uma arte sem idade**. São Paulo: Edidora Ática, 1986.
- JOSÉ, C. L. **Voz e roteiro radiofônico**. São Paulo: Paulus, 2015. (Coleção Cadernos de Comunicação)
- MEDITSCH, E. **Teorias do Rádio: Textos e Contextos**. 1. ed. v.1. Florianópolis: Insular, 2005.
- MEDITSCH, E.; ZUCULOTO, V. **Teorias do Rádio: Textos e Contextos**. 1. ed. v.2. Florianópolis: Insular, 2008.
- PRADO, E. **Estrutura da informação radiofônica**. São Paulo: Summus, 1989.
- SILVA, J. L. de O. A. **Rádio: Oralidade mediatizada: o spot e os elementos da linguagem radiofônica**. São Paulo: Annablume, 1999.
- STOCKER, C. **O incentivo à leitura através da arte de contar histórias**. Curitiba: Appris, 2014.
- STOCKER, C. T. **Os caminhos e descaminhos da leitura na aquisição do conhecimento**. Nova Friburgo: Êxito Brasil; Niterói: Intertexto, 2011.

APÊNDICE C – FOTOS

Foto 2 – Entrevista da professora Fátima Colares



Fonte: Sérgio Souza, 15.10.2018

Foto 3 – Entrevista do presidente da ASCH, Antenor Aguiar



Fonte: Sérgio Souza, 15.10.2018

Foto 4 – Bibliotecária Cláudia Stocker



Fonte: Adeilton Nogueira, 17.10.2018

ANEXO A

Foto 5 – Professora Aglacy Silva, diretora da Nossa Escola



Fonte: Arquivo pessoal

ANEXO B

Figura 3 – Cartaz da 1ª Feira do Livro em parceria com o Governo do Estado

jornal.nossaescola.com.br



NOSSA VOZ
O jornal dos alunos da Nossa Escola

EDIÇÃO IMPRESSA ATUAL - Nº 90-OUTUBRO DE 2007

Você também vai estar lá!




I Feira do Livro de Sergipe
[18/10/2006- Matéria da Edição :81- outubro de 2006]

“(...) a I Feira do Livro de Sergipe é uma convocação à sociedade sergipana para o apoio e a colaboração nesse evento maior. Convocados, portanto, estão os jovens, os intelectuais, os homens de inteligência de todos os naipes, empresários, profissionais, mães e pais de família, autoridades e, enfim, todas as pessoas que têm a responsabilidade pela construção de um mundo melhor para os nossos filhos”.

Manoel Cabral Machado
(membro da Academia Sergipana de Letras)

NOSSA ESCOLA FALE CONOSCO

Fonte: Arquivo Nossa Escola